

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

JULIANA COSTA RIBEIRO MACIEL

**O JORNALISMO COMO AGENTE NA CONSTRUÇÃO  
DE UMA CULTURA DE PAZ:**  
ANÁLISE DO PODCAST MAMILOS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DO  
JORNALISMO PARA A PAZ

Porto Alegre

2020

JULIANA COSTA RIBEIRO MACIEL

**O JORNALISMO COMO AGENTE NA CONSTRUÇÃO  
DE UMA CULTURA DE PAZ:  
ANÁLISE DO PODCAST MAMILOS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DO  
JORNALISMO PARA A PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cassilda Golin Costa

Porto Alegre

2020

JULIANA COSTA RIBEIRO MACIEL

**O JORNALISMO COMO AGENTE NA CONSTRUÇÃO  
DE UMA CULTURA DE PAZ:  
ANÁLISE DO PODCAST MAMILOS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DO  
JORNALISMO PARA A PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Aprovado pela banca examinadora em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cassilda Golin Costa - UFRGS  
Orientadora

---

Aline do Amaral Garcia Strelow - UFRGS  
Examinadora

---

Marcelo Ruschel Trasel - UFRGS  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Para a realização desta pesquisa, agradeço sobretudo minha orientadora, Cida, por todo o suporte. Obrigada pelas conversas por vídeo, mesmo em horários alternativos.

Agradeço também o apoio dos meus pais e das minhas queridas amigas.

A lógica, a estratégia de polarizar, ela pra mim é destrutiva para a democracia, essa é a minha opinião. A estratégia — eu não estou discutindo que existem pólos, que existem lados, que existem posições —, a estratégia, usá-la como estratégia, como forma de posicionar, de criar grupo, de criar rótulo, de criar espaço, de criar cisão, fratura, ela não pode ser associada com o progressismo. [...] Eu acredito muito na importância de alguém que se disponha a mediar. Para mim é isso, polarização x mediação, esse é o paradigma que a gente precisa tentar buscar.

Rafael Poço,  
no episódio “Cidadania 2.0” do Mamilos

## RESUMO

Esta pesquisa tem caráter exploratório e busca refletir sobre como o Jornalismo para a Paz se manifesta na proposta editorial do podcast Mamilos. Para isso, tem-se o estudo de caso como metodologia. Assim, na primeira parte, é feito um levantamento bibliográfico a fim de contextualizar o Jornalismo para a Paz e seu papel como agente na construção social da realidade. Alguns dos autores citados nesta etapa são Muñoz (2001), Galtung (2016), Hall *et al.* (1993), McGoldrick e Lynch (2014) e Shinar (2007). Na segunda parte, desenvolve-se o estudo de caso, tendo como amostra os episódios do Mamilos que abordam de maneira direta ou indireta os efeitos do surgimento do novo coronavírus (SARS-CoV-2). A partir da panorâmica da cobertura da pandemia e da análise exploratória do episódio 243, “Sobrevivendo ao coronavírus”, observa-se que o Mamilos tem como padrão trazer o contexto de formação dos conflitos, assim como encaminhar a pauta de modo a enfocar possíveis soluções. Desse modo, evita-se o metaconflito, aquele no qual as raízes da controvérsia são esquecidas. Narrativas que exploram o metaconflito e a polarização como estratégia para trazer mais audiência negligenciam os efeitos da intervenção jornalística, sejam eles cognitivos (leitura dualista da realidade), emocionais (exaustão e apatia decorrentes da ausência de perspectivas), sejam na cultura (legitimando a violência como padrão cultural).

**Palavras-chave:** Jornalismo para a Paz; Podcast Mamilos; Construção social da realidade; Paz.

## ABSTRACT

This research has an exploratory character and seeks to reflect on how Peace Journalism manifests itself in the editorial proposal of the Mamilos podcast. For this, we have the case study as a methodology. Thus, in the first part, a bibliographic survey is made in order to contextualize Peace Journalism and its role as an agent in the social construction of reality. Some of the authors cited in this step are Muñoz (2001), Galtung (2016), Hall *et al.* (1993), McGoldrick and Lynch (2014) and Shinar (2007). In the second part, the case study is developed, taking as a sample the Mamilos episodes that directly or indirectly address the effects of the emergence of the new coronavirus (SARS-CoV-2). From the overview of the coverage of the pandemic and the exploratory analysis of episode 243, "Surviving the coronavirus", it is observed that Mamilos has as a standard to bring the context of conflict formation, as well as forward the agenda in order to focus on possible solutions. In this way, the meta-conflict is avoided, the one in which the roots of the controversy are forgotten. Narratives that explore the meta-conflict and polarization as a strategy to bring more audiences, neglect the effects of journalistic intervention, whether cognitive (dualistic reading of reality), emotional (exhaustion and apathy resulting from the absence of perspectives), or in culture (legitimizing the violence as a cultural standard).

**Keywords:** Peace Journalism; Mamilos Podcast; Social construction of reality; Peace.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Triângulo de Galtung.....	18
Figura 2 – Necessidades básicas.....	31



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de violência.....	18
Quadro 2 – Tabela de Galtung.....	29
Quadro 3 – Podcast Mamilos: episódios de 2020 que se relacionam com a COVID-19.....	50
Quadro 4 – Episódio #243, <i>Sobrevivendo ao Coronavírus</i> .....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO E OS ESTUDOS PARA A PAZ.....</b>	<b>13</b>
2.1 ESTUDOS PARA A PAZ: DA POLEMOLOGIA À PAZ POSITIVA.....	13
2.2 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE .....	19
2.3 JORNALISMO PARA A PAZ: UMA CORRENTE DE ESTUDOS.....	24
<b>2.3.1 A construção do modelo e dos critérios do Jornalismo para a Paz ...</b>	<b>27</b>
<b>2.3.2 Os efeitos do Jornalismo para a Paz nas audiências .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3.3 Desafios: entre a teoria e a prática.....</b>	<b>34</b>
<b>3 PODCAST MAMILOS: JORNALISMO DE PEITO ABERTO .....</b>	<b>37</b>
3.1 A DESCOBERTA DO JORNALISMO NO MAMILOS.....	37
3.2 PROPOSTA EDITORIAL: O QUE SIGNIFICA FAZER JORNALISMO DE PEITO ABERTO?.....	38
3.3 O CRESCIMENTO DO NEGÓCIO PODCASTING E O INVESTIMENTO NO MAMILOS .....	43
<b>4 ESTUDO DE CASO: O PODCAST MAMILOS A PARTIR DO JORNALISMO PARA A PAZ .....</b>	<b>47</b>
4.1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO .....	47
4.2 PANORÂMICA DA COBERTURA DO MAMILOS REFERENTE À COVID-19 .....	48
4.3 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DO EPISÓDIO #243 SOBREVIVENDO AO CORONAVÍRUS .....	62
<b>4.3.1 Apresentação do programa .....</b>	<b>64</b>
<b>4.3.2 Primeiro bloco.....</b>	<b>66</b>
<b>4.3.3 Segundo bloco .....</b>	<b>68</b>
<b>4.3.4 Terceiro bloco .....</b>	<b>69</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Peço licença para falar em primeira pessoa neste capítulo. Em 2016, durante o processo de realização da minha primeira reportagem da faculdade, conheci a Comunicação Não Violenta (CNV), um tema que passou a me instigar muito. Em uma linguagem clara, simples e com uma metodologia concreta, o psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg (1999) desenhou essa prática que, muito mais do que um método, é uma forma de consciência, um olhar para o mundo a partir do *paradigma da parceria*. Para entender esse paradigma, melhor falar sobre o padrão de comportamento no qual, segundo ele, normalmente, operamos: o da *dominação*.

O *dualismo* está no cerne dessa visão de mundo: existe um *certo* e um *errado* e é preciso lutar pelo bem e punir o mal. Aplicando essa lógica em um conflito entre duas pessoas, cada uma tentará *provar* o seu ponto, convencida de sua superioridade moral. Com esse comportamento, elas se tornam incapazes de escutar o que o outro está dizendo e o diálogo compreensivo não se estabelece. Pelo contrário, o problema se torna uma *disputa*, na qual o foco se desloca da tentativa de resolução para a vitória argumentativa em um tom cada vez mais exaltado e *desconectado* das reais necessidades e sentimentos de cada um (ROSENBERG, 1999).

O paradigma da parceria rompe com essa lógica dualista. O objetivo não é mais sair vencedor, mas estabelecer uma conexão com o outro. É uma compreensão de que ambos são igualmente dignos e legítimos em seus sentimentos e necessidades. E que, a partir da escuta e da expressão honesta dessas necessidades, eles podem colaborar e cocriar uma resolução em que os dois saiam satisfeitos. Na lógica da parceria, existe mais de um caminho possível a ser seguido. Existe escolha, não mais imposição.

A CNV instrumentaliza essa tomada de consciência com técnicas para facilitar o seu aprendizado e prática. Segundo Rosenberg (1999), para subverter o padrão da dominação, é preciso que as pessoas realmente se dediquem a “treinar” uma *linguagem girafa*. A girafa foi o animal que o norte-americano escolheu para simbolizar a CNV, porque possui um pescoço longo, que permite uma visão ampliada, além de ser o mamífero com o maior coração do reino animal. Segundo ele, ao longo da nossa educação, construímos um vocabulário maior para julgar e humilhar do que para expressar sensações e sentimentos.

Depois da realização da minha reportagem, li livros e fiz cursos sobre a Comunicação Não Violenta e, em 2018, durante a realização da minha mobilidade na Universidad de Granada, Espanha, decidi escutar o podcast Mamilos, por indicação de um amigo. Por coincidência, o primeiro episódio que ouvi foi o 133, “Nômades Digitais”, que foi ao ar em 2 de fevereiro de 2018. Lembro que vários pontos da conversa se relacionavam com o que eu estava vivendo naquele momento. Depois, escutei o da semana seguinte, “Carnaval, por quê?”, que me ajudou a contornar a saudade do Brasil e o episódio “Gordofobia”, que escancarou, para mim mesma, uma série de preconceitos que eu nem sabia que tinha. A partir de então, passei a ser ouvinte assídua do programa.

Quando escutei pela primeira vez o slogan “*Jornalismo de Peito Aberto*” e a abertura clássica do programa, em tom afetuoso, no qual se explica que a proposta desse podcast é de construir pontes, em vez de provar pontos, imediatamente relacionei o Mamilos à Comunicação Não Violenta.

“Bem vindos ao Mamilos, aquele lugar gostoso de encontro para debater temas polêmicos com empatia e respeito. Respira fundo, deixa a poeira da intolerância na porta e abre o coração e a mente pra explorar com curiosidade diferentes visões e argumentos”: é desta forma que as apresentadoras, as jornalistas Cris Bartis e Juliana Wallauer, já abriram o programa diversas vezes. (FERNANDES, 2017, p. 7)

Em junho de 2019, já de volta do intercâmbio, fui ao 14º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, da ABRAJI, em São Paulo e tive a oportunidade de escutar uma das criadoras do programa, Cris Bartis, falar sobre o Mamilos, bem como sobre alguns direcionamentos editoriais<sup>1</sup> do podcast. Dividindo a mesa com ela estava Raquel Cabral, professora da Unesp e pesquisadora de uma área que, até então, nunca tinha ouvido falar: o Jornalismo para a Paz (JP).

Ao me aprofundar nessa abordagem, já com o intuito de desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso, percebi que o Jornalismo para a Paz era a proposta teórico-prática que conectava o propósito da Comunicação Não Violenta, que tanto me tocava, com o fazer jornalístico. E descobri também que, além do que conhecia por Rosenberg, havia toda uma corrente de pesquisa que se dedicava a pesquisar a paz.

**Esta pesquisa é fruto desse processo de descoberta e de investigação. Ela se propõe a ser do tipo exploratória e tem como objetivo geral refletir sobre como o Jornalismo para a Paz se manifesta na proposta editorial do podcast**

---

<sup>1</sup> A mesa intitulava-se “Cobrindo política sem fomentar a polarização”.

**Mamilos. Para isso, foram delimitados os seguintes objetivos específicos: contextualizar o Jornalismo para a Paz e seu papel como agente na construção social da realidade; situar o surgimento do Mamilos no contexto de produção do podcasting; sistematizar elementos editoriais da metodologia do Jornalismo para a Paz na cobertura realizada pelo Mamilos sobre a pandemia da COVID-19; analisar um episódio específico da cobertura, relacionando-o com a abordagem teórico-prática do JP.**

Para isso, no primeiro capítulo apresento um levantamento bibliográfico sobre o tema. Abordo, inicialmente, o campo dos Estudos para a Paz para, então, adentrar no campo do Jornalismo. Reflito sobre o paradigma construtivista e sobre o que consiste o Jornalismo para a Paz, explorando a construção desse modelo, seus critérios e seus desafios.

No segundo capítulo, introduzo o objeto empírico desta pesquisa, o podcast Mamilos. Apresento sua proposta editorial e o situo dentro do que Bonini (2020) chamou de segunda era do podcast.

No terceiro capítulo, desenvolvo um estudo de caso sobre o objeto empírico, tendo como amostra os episódios que abordam de maneira direta ou indireta os efeitos do surgimento do novo coronavírus (SARS-CoV-2), agente causador da doença contagiosa COVID-19. Apresento, inicialmente, uma panorâmica da cobertura da pandemia e, na sequência, aprofundo a análise em um episódio singular, a fim de traçar paralelos entre as escolhas durante o processo de construção da pauta com o Jornalismo para a Paz.

## 2 JORNALISMO E OS ESTUDOS PARA A PAZ

Este capítulo terá como foco situar o Jornalismo para a Paz como área de pesquisa dentro do campo do Jornalismo e dos Estudos para a Paz. Para isso, primeiro conceitua-se o termo paz e sua evolução ao longo da história, tendo como apoio Muñoz (2001), Vera (2016), Grewal (2003) e Wiberg (2005). Na sequência, é apresentado o pesquisador norueguês Johan Galtung, considerado o fundador dos Estudos para a Paz, e suas principais contribuições. São abordados os tipos de violência, assim como as bases para a construção de uma cultura de paz. Adentrando no campo do jornalismo, fala-se sobre o paradigma construtivista e o papel desta instituição na construção social da realidade. Alguns dos autores consultados para esta etapa são Traquina (2002), Vizeu (2003) e Hall *et al.* (1993). Por fim, tendo como base essencial McGoldrick e Lynch (2014), Shinar (2007) e Montiel e Galtung (2019), é apresentado e aprofundado o Jornalismo para a Paz, como uma área interdisciplinar, pluridisciplinar e transdisciplinar que recorre à teoria dos conflitos para explorar o potencial do jornalismo como agente de paz.

### 2.1 ESTUDOS PARA A PAZ: DA POLEMOLOGIA À PAZ POSITIVA

Afinal, o que é paz? Como definir o objeto de estudo deste campo? Paz é um termo polissêmico que já recebeu inúmeras e diversas definições ao longo da história. (VERA, 2016). Ao que tudo indica, nos primeiros milênios de existência da humanidade, não se tinha consciência sobre essa noção. Não porque a paz não existisse, e sim porque para dar-se conta dela seria necessária uma complexidade social e simbólica que ainda não havia sido alcançada naqueles tempos. (MUÑOZ, 2001). Posteriormente, o conceito de paz surge atrelado às práticas sociais de sua época. Isto é, paz é um campo “produzido e criado pela atividade humana” (VERA, 2016, p. 121), um fenômeno político sujeito às coordenadas espaço-temporais em que está inserido.

E que coordenadas eram essas? O surgimento da *guerra*. A ideia de paz nasce em oposição à noção de guerra, como necessidade de trégua e de avanço social. O “horror da guerra devia ser explicado e também relacionado com um horizonte de esperança onde ele não existisse” (MUÑOZ, 2001, p. 5, tradução nossa).

Mais recentemente, no século XX, o ramo das Ciências Sociais se pôs a estudá-la como objeto científico impulsionado, em grande parte, pela escalada da violência que culminou nas Grandes Guerras (MUÑOZ, 2001). É, então, no contexto desses acontecimentos históricos, nos Estados Unidos (potência que se afirmava no cenário geopolítico), onde se situa a fundação dessa disciplina intelectual que, com o tempo, passa a ser reconhecida como Investigação para a Paz ou Estudos para a Paz (VERA, 2016). No entanto, neste primeiro momento, as investigações para a paz eram enquadradas pela perspectiva da polemologia (ciência e estudo da guerra como fenômeno social). Logo, o conceito de paz que emergiu desse contexto definiu-a como sendo a *ausência de guerra*.

Johan Galtung, pesquisador norueguês, é quem vai expandir e aprofundar o entendimento sobre o significado de paz. Em 1959, ele participa da fundação do primeiro centro de investigação para a paz do mundo, o *Peace Research Institute Oslo* e cinco anos depois, em 1964, escreve o primeiro editorial do *Journal of Peace Research* lançado pelo instituto. Neste, Galtung traz o foco da investigação para uma *teoria estrutural* da violência. (GREWAL, 2003). Ele diz que, para além da *violência direta*, é importante olhar e discutir a *violência estrutural*.

A primeira diz respeito aos atos violentos em que é possível identificar um autor, um agente responsável — por isso direta. (MONTIEL; GALTUNG, 2019). Sua forma mais destrutiva seria a guerra (com um governo, um Estado como autor). A segunda, em vez de ser um evento, é um *processo* que gera violência através das instituições e estruturas da sociedade — como a pobreza, a fome, a discriminação racial e de gênero —, e não de um ator específico, por isso é indireta. (GALTUNG, 2016). O dano provocado por esse tipo de violência “é mais generalizado, porque as vítimas geralmente são sociedades e comunidades inteiras e, apesar disso, sua visibilidade é menor” (MONTIEL; GALTUNG, 2019, p. 18, tradução nossa) porque está enraizada na estrutura. Além disso, os mecanismos para lidar com ela são mais lentos porque exigem mudanças na maneira como essas instituições operam.

Segundo Galtung (2016), a estrutura violenta típica tem a exploração e a *desigualdade de poder* como peça central. Ou seja, enquanto alguns possuem vários privilégios e conseguem mais benefícios por virem de uma classe historicamente mais prevalecta, outros encontram menos oportunidades, acentuando-se a desigualdade. Como consequência dessa estrutura, pessoas morrem (por falta de atendimento médico, por doenças oriundas da ausência de saneamento básico, por agressão de

seus maridos...), ou ainda vivem em um estado permanente e não desejado de pobreza, por exemplo. Essa condição de privação de necessidades básicas (como a de bem estar e a de liberdade) é geradora de traumas. No caso de um grupo, geradora de um trauma coletivo, que pode se sedimentar no subconsciente dessa coletividade e se converter em outras manifestações de violência, como a própria violência direta, movida por um desejo de retaliação. Outro reflexo da institucionalização da violência é um estado de apatia, de alienação e de desesperança por parte das vítimas — o que acaba por reforçar ainda mais a estrutura. (GALTUNG, 2016).

Com esse entendimento mais profundo sobre violência, falar em paz como ausência de guerra parece pouco. Assim, o pesquisador norueguês propõe (ainda nesse artigo de 1964) uma conceitualização diferente. Primeiro, ele coloca que a ideia até então vigente de paz como ausência de guerra seja entendida como *paz negativa*, pois se dá a partir da *negação* de um estado. Em paralelo, apresenta a noção de *paz positiva* que, além de significar a ausência de violência direta e de violência estrutural, implica a *presença* de um estado de justiça social, no qual as relações interpessoais e intergrupais são apoiadas na cooperação, as necessidades básicas são atendidas e os direitos humanos encontram-se plenamente estabelecidos. (VERA, 2016).

Em torno desses conceitos (de paz negativa e de paz positiva) e de qual fazia mais sentido à área, deu-se o que Wiberg (2005) considera a primeira crise da Investigação para a Paz: um confronto que teve como palco os congressos e as páginas de revistas especializadas. Os defensores da paz positiva (sobretudo pesquisadores europeus) apontavam que a mera ausência de guerra poderia ser compatível com situações em que um *status quo* profundamente autoritário e injusto continuasse presente, o que mais cedo ou mais tarde levaria a um surto violento. Por outro lado, os que apostavam na paz como ausência de guerra (predominantemente pesquisadores norte-americanos), afirmavam que a definição *paz negativa* depreciava a pesquisa que vinha sendo conduzida. (GREWAL, 2003).

Inevitavelmente, o conceito de paz positiva foi sendo estudado e, com isso, a agenda do campo se tornou mais ampla. A segunda crise resultou desse fato. A corrente norte-americana (dentro da qual destacava-se o pesquisador Kenneth Boulding) dizia que a inclusão de elementos de justiça social e a necessidade de vigência dos direitos humanos ampliava de maneira tão intensa o campo que o conceito de paz se tornava vago, perdendo a utilidade enquanto categoria de análise (VERA, 2016). Tratou-se, em grande medida, de uma crise de identidade. “O campo



tornara-se tão vasto que se afigurava impossível a qualquer indivíduo isolado dominar toda a informação ou ir para além de contributos sectoriais” (WIBERG, 2005, p. 25). Isso ocorreu entre o final dos anos 1970 e início da década de 1980. E acabou tendo como consequência a proliferação de novos institutos, bem como de novos pesquisadores se debruçando sobre o tema da paz, fazendo “mais bem do que mal” à área, avalia Wiberg (2005, p. 26).

A terceira crise — a última sinalizada por Wiberg (2005) — foi provocada por um fator exógeno: o fim da Guerra Fria. Com isso, deu-se lugar um debate interno sobre que caminhos a Investigação para a Paz poderia seguir. A corrente iniciada com Galtung, com foco na paz positiva, ecoou, inspirando pesquisadores de nacionalidades distintas, e se desenvolveu, incorporando novas camadas. Sobre os caminhos que Wiberg mencionou em sua análise, desenhou-se um voltado a *valores*.

Como colocado, Galtung já vinha traçando um caminho de pesquisa que ampliava a agenda dos Estudos para a Paz, buscando referências na ecologia, nos estudos da cultura, na política e na filosofia. Uma das figuras públicas que lhe serviu de inspiração foi o indiano Mahatma Gandhi. De certo modo, o investigador norueguês tomou como base os dois principais axiomas do gandhismo e da *não violência*: a unicidade da vida e a unicidade de meios e fins. Isto é, se a vida é um fim em si mesma e se todos têm igual direito em desfrutá-la, então “não há vida, e em particular não há vida humana que se possa utilizar como meio para um fim” (GALTUNG, 2016, p. 165). Para entender melhor essa premissa de unicidade, Galtung (2016) implica os termos *proximidade e reconhecimento*. Ele explica que reconhecer todas as formas de vida, especialmente a vida humana, como próximas e familiares — e não como distantes, diferentes, ou inferiores — faz com que elas sejam tidas como respeitáveis e significativas para nós. Como coloca Gandhi (apud MCGOLDRICK; LYNCH, 2000), esses dois axiomas são importantes porque quando a violência parece fazer o bem, o bem é apenas temporário, enquanto o mal que ela faz é permanente.

Com essa base, Galtung vai propor em 1988 que a paz deve ser atingida por *meios pacíficos* e que a ideia de *guerra justa* é basicamente uma maneira encontrada pelos líderes para justificar e legitimar a violência cometida contra outros povos e nações. (GALTUNG, 1988 apud GREWAL, 2003). Uma prévia, do que ele denominaria dois anos mais tarde como *violência cultural*: uma terceira esfera da violência. Ela é definida como

qualquer aspecto de uma cultura que possa ser utilizado para legitimar a violência em sua forma direta ou estrutural. A violência simbólica introduzida em uma cultura não mata nem mutila como faz a violência direta, ou utiliza a exploração como faz a violência incorporada em uma estrutura. No entanto, é usada para legitimar ambas ou uma delas, como, por exemplo, o conceito de *raça superior*. (GALTUNG, 2016, p. 1, tradução e grifo nosso).

Em outras palavras, estudar a violência cultural joga luz sobre o poder da esfera simbólica de interiorização, naturalização, legitimação e até mesmo de alienação da violência em seus outros formatos. O conjunto de mecanismos culturais atuam de modo a tornar a violência *aceitável* para a sociedade. Sob uma perspectiva da ética, a violência cultural serve ao utilitarismo moral, contribuindo para que o incorreto passe ao correto ou, ao menos, ao aceitável, como o assassinato em nome da pátria — correto — e o assassinato por razões pessoais — incorreto. (GALTUNG, 2016). Ainda sobre o prisma da ética (e considerando a tendência aos valores destacada anteriormente para o campo), pode-se dizer que os Estudos para a Paz, com Galtung, convergem para a deontologia, ao colocar princípios (axiomas) máximos, como o respeito à vida.

Sendo assim, a violência cultural se encontra em aspectos materializados nos diversos domínios simbólicos da sociedade humana, como na religião, na política, na linguagem, na arte e nas ciências humanas e exatas. Para discuti-la, é preciso analisar justamente esses *aspectos* e os efeitos que provocam no ecossistema em que estão inseridos. Assim, evita-se estereótipos generalistas que tacham toda uma cultura de violenta. Galtung (2016) explica que, para uma cultura ser classificada como violenta, é necessário um processo sistemático de investigação no qual se conclua que há um conjunto de aspectos bastante expressivo que abarca todos os domínios e esferas simbólicas. O mesmo vale para seu oposto: a *paz cultural*. Isto é, os aspectos de uma cultura que ajudam a justificar, legitimar e reforçar a paz direta e a paz estrutural em uma sociedade. Se esses aspectos se encontram abundantes em todas as esferas, então se pode falar em uma *cultura de paz*.

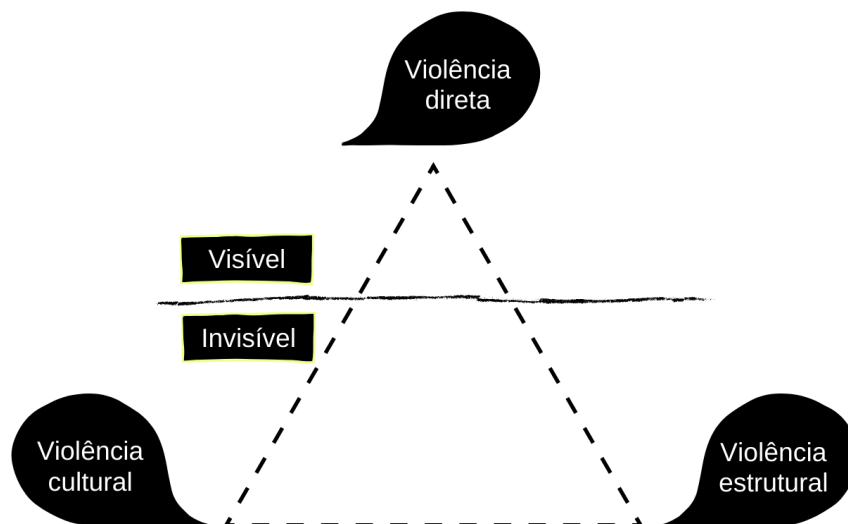
Quadro 1 – Tipos de violência

<b>VIOLÊNCIA</b>	<b>DIRETA</b>	<b>ESTRUTURAL</b>	<b>CULTURAL</b>
<b>1. Origem</b>	Atos deliberadas	Atos de omissão	Ideias, crenças ou convicções
<b>2. Perpetrador</b>	Pessoas identificáveis	Instituições ou estruturas	Todos
<b>3. Vítima</b>	Indivíduos ou coletivos	Sociedades e comunidades	Todos
<b>4. Visibilidade</b>	Alta	Média	Baixa
<b>5. Dano</b>	Limitado	Amplo	Constante
<b>6. Reparo</b>	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo

Fonte: MONTIEL; GALTUNG, 2019, tradução nossa.

Desse modo, se a violência direta é um evento e a estrutural um processo, então a cultural é inalterável e persistente, dada a lentidão com que se produzem as transformações culturais. (GALTUNG, 2016). A partir dessa perspectiva, Galtung propõem uma análise desses três estratos (ou categorias) em uma representação triangular como na imagem a seguir. É um triângulo “vicioso”, porque os vértices se relacionam de modo a reforçar e potencializar a violência como padrão.

Figura 1 - Triângulo de Galtung.



Fonte: GALTUNG, 2019.

Quando a ponta superior do triângulo é a violência cultural, então a imagem representa o papel da esfera simbólica em legitimar as outras duas categorias, situadas na base. Se giramos o triângulo no sentido horário, deixando a violência direta como vértice superior, então a imagem obtida reflete quais são suas fontes. Isto é, a violência direta, aquela com um ator identificável, passa a ser a ponta de um iceberg, tendo em seu estrato mais profundo as outras esferas que a incentivam e a sustentam. (GALTUNG, 2016). O triângulo pode ser analisado desde qualquer um dos vértices, existindo fluxos causais em todos os sentidos.

Esse sistema triangular de violência deve ser contrastado mentalmente com um sistema semelhante para a paz, no qual a paz cultural gera paz estrutural, que se traduz em relações simbióticas e equitativas entre os diversos agentes envolvidos; e a paz direta se manifesta em atos de cooperação, amizade e amor. Poderíamos estar diante de um *triângulo virtuoso*, em vez de um *triângulo vicioso*, que, além disso, se retroalimenta. Esse triângulo virtuoso seria obtido trabalhando simultaneamente em seus três vértices, não assumindo que uma mudança essencial em um levaria automaticamente a mudanças nos outros dois. (GALTUNG, 2016, p. 168, tradução e grifo nosso).

A partir dessa perspectiva originalmente desenvolvida por Johan Galtung e hoje levada à cabo por diversos pesquisadores ao redor do mundo, os Estudos para a Paz assumiram um caráter interdisciplinar, pluridisciplinar e transdisciplinar, onde o objetivo não é apenas reduzir ou eliminar a violência, mas entender as condições necessárias para preveni-la, enquanto se constrói a paz positiva. Como concluiu Grewal (2003), é uma teoria construcionista em sua natureza.

É, então, a partir do prisma construtivista que é ressignificada a função social do jornalismo por uma das linhas de pesquisa que emergiram dos Estudos para a Paz: o Jornalismo para a Paz. Segundo esta corrente, o jornalismo pode ser tanto um vetor da paz cultural, quanto da violência cultural. Ou seja, é um agente que atua dentro da esfera simbólica na construção social da realidade. E assim pode, através de sua produção, legitimar e naturalizar a violência como prática social, ou então ser parte da construção de uma cultura de paz.

## 2.2 JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Qual a finalidade do jornalismo? Os pesquisadores estadunidenses Kovach e Rosenstiel (2001) se tornaram referência nos estudos da área depois de refletirem sobre essa pergunta. Referindo-se ao processo de formação da opinião pública do povo polaco durante a Guerra Fria, os autores pontuaram a importância que teve o

jornalismo para a construção do senso de comunidade, para a formação de cidadania e para a emergência da democracia. De que forma? Atuando na criação de uma linguagem e de uma base de conhecimento comuns, conferindo uma sensação de união e de partilha de objetivos e trazendo informação para que a população estivesse a par do que vinha acontecendo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001).

Kovach e Rosenstiel (2001) argumentam que a principal função social do jornalismo é "fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem". Uma tarefa complexa, já que o relato do jornalista não é uma simples reprodução da realidade, como começaram a argumentar os teóricos a partir da metade do século XX — colocando em *xequê* a teoria do espelho<sup>2</sup>. Na verdade, como aponta Hall *et al.* (1993, p. 309), "as notícias são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas".

O primeiro pesquisador a investigar os processos de decisão no jornalismo foi David Manning White em 1950. Ele aplicou o conceito de *gatekeeper* — antes usado na área da psicologia — a esse campo de estudo.

Na teoria de White, o processo de produção de notícias é concebido como uma série de escolhas, onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos *portões (gates)*, que são momentos de decisão em relação aos quais o *gatekeeper* (jornalista) tem de decidir se vai escolher ou não uma notícia, deixá-la passar ou não. (VIZEU, 2003, p. 2)

A partir das contribuições de White, os teóricos avançam, refletindo sobre os impactos que cada decisão tem sobre o conteúdo que chegará às audiências e como cada uma delas influencia na *percepção* que o público terá do assunto. Assim, surge um novo paradigma nas pesquisas: o jornalismo como construção social da realidade. (VIZEU, 2003). Ou melhor, o jornalismo como *um dos* aparatos culturais que ajudam a ler e a construir a sociedade.

O paradigma construtivista engloba duas teorias principais: a etnoconstrucionista e a estruturalista. "A teoria etnoconstrucionista defende que as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os fatos) num produto (as notícias)" (VIZEU, 2003, p. 9). Ela reconhece um grau maior de autonomia por

---

<sup>2</sup> A *teoria do espelho* corresponde àquilo que ainda é tido como o senso comum. Isto é, ao entendimento de que o produto jornalístico é uma simples e fidedigna reprodução da realidade. Sua origem está relacionada com o desenvolvimento e com a consolidação da indústria jornalística nos séculos XIX e XX e é sustentada pelos ideais de objetividade e de imparcialidade — não levando em conta todas as questões organizacionais e estruturais da profissão e tampouco os aspectos subjetivos dos próprios jornalistas (VIZEU, 2003).

parte dos jornalistas, entendendo que é ele quem seleciona os acontecimentos dignos de virarem notícia — com base em critérios compartilhados pela cultura jornalística, os valores-notícia —, além de organizar a matéria-prima, definindo o enquadramento pelo qual serão apreendidas as informações.

Segundo Gitlin (1980 apud TRAQUINA, 2002), os enquadramentos mediáticos são padrões de interpretação e apresentação dos fatos através dos quais o jornalista organiza de forma rotineira o discurso, seja verbal ou visual. Assim, "as notícias como enquadramento oferecem definições da realidade social" (TUCHMAN; 1976, 1993 apud TRAQUINA, 2002, p. 200).

A pesquisa etnográfica permitiu reconhecer como a rotinização da prática jornalística constitui um elemento central na construção da realidade social (VIZEU, 2003), jogando os holofotes sobre os critérios de noticiabilidade. Isto é, critérios que apontam que tipo de acontecimentos merecem ter um tratamento jornalístico por possuírem valor-notícia (TRAQUINA, 2002). Mas que critérios são esses? Aqui levantaremos apenas alguns deles que, depois, terão relação com os Estudos para a Paz. Curiosamente, Johan Galtung foi o primeiro teórico, juntamente com Mari Holmboe Ruge a apresentar uma lista sistematizada de valores-notícia em 1965. (SILVA, 2010). No entanto, esses dois autores não chegam a fazer a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Quem aponta essa diferenciação é o italiano Mauro Wolf (TRAQUINA, 2002).

Dentre os critérios de seleção, destacam-se os seguintes: a *morte* (pela repetição levar a uma banalização da mesma), a *notoriedade* (por dar prioridade a pessoas em posição de poder e a regiões economicamente influentes, vindo a falar das "outras" apenas quando envolvendo outros valores-notícia — geralmente negativos, como grandes tragédias, reforçando as estruturas), a *notabilidade* (já que a tangibilidade favorece a cobertura da violência direta em detrimento da estrutural e da cultural) e a própria *violência* ou *infração* como critérios de interesse. Além disso, a busca pela *exclusividade* (e pela valorização do furo de reportagem), acaba tendo o efeito contrário, de homogeneização e de menos pluralidade: os jornalistas andam em bando, já que ninguém quer ficar "para trás" e acabam publicando as mesmas notícias (TRAQUINA, 2002).

Em relação aos critérios de *construção*, destaca-se o de *simplificação* e o de *dramatização*. Nas palavras de Traquina (2002, p. 198), "quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades tem a notícia

de ser notada e compreendida". Simplificar é, então, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento. No entanto, como consequência disso, o jornalismo, muitas vezes, acaba por simplificar conflitos profundos, contribuindo para maniqueísmos e para a polarização da opinião pública. Outro valor-notícia de construção destacado é o da *dramatização*: a tendência de potencializar o lado emocional e as desavenças, contribuindo para um tensionamento — em vez de para a resolução pacífica dos conflitos. Como escreve Shinar (2007), os processos de paz são complicados, levam tempo para se desdobrar e se desenvolver. Enquanto a guerra e os conflitos oferecem imagens de ação prontas, estão associados ao heroísmo e ainda permeados por discursos emocionais, o que os torna muito mais plausíveis à espetacularização.

Dessa forma, a teoria etnoconstrucionista é uma abordagem microssociológica, já que analisa os conteúdos a partir de quem os produz: o jornalista (VIZEU, 2003). A teoria organizacional amplia a abordagem teórica do âmbito individual para o da organização jornalística. Assim, ainda tomando em conta os valores-notícia, esse novo aporte teórico inclui mais uma variável: a política editorial. Ela é capaz de influenciar tanto diretamente no processo de seleção dos acontecimentos quanto na distribuição dos recursos e na criação de espaços regulares dentro do veículo, como colunas dedicadas a um assunto específico. Passa-se a observar a influência que a direção da organização jornalística exerce sobre os valores-notícia (às vezes por razões pessoais), dando prioridade a certo assunto ou tema e também na determinação do enquadramento (TRAQUINA, 2002).

O sociólogo estadunidense Warren Breed foi o primeiro a pontuar a influência das organizações jornalísticas sobre a prática diária. Ele identificou seis fatores que promovem o conformismo com a política editorial da empresa. São eles: "a autoridade institucional e as sanções, os sentimentos de estima e obrigação para com os superiores, as aspirações de mobilidade, a ausência de grupos em conflito, o prazer da atividade e as notícias como valor" (VIZEU, 2003, p. 7). Essa teoria também aponta para o peso do fator econômico, mostrando como a busca do lucro influencia as empresas jornalísticas a se guiarem por critérios econômicos para definir a noticiabilidade dos acontecimentos. Além disso, chama atenção para a problemática da concentração dos meios de comunicação, que tem como consequência a "homogeneização dos conteúdos midiáticos e a limitação ao pluralismo de opiniões na mídia" (MORAES, 1997 apud VIZEU, 2003, p. 8).

Outra pesquisadora que fez importantes contribuições para essa corrente, foi a socióloga norte americana Gaye Tuchman. Ela aplicou a metodologia de observação direta em um jornal diário metropolitano e refletiu sobre como as práticas de rotina da profissão, assim como a própria organização jornalística, incidem sobre o tão estimado valor da objetividade (TUCHMAN, 1972). Neste estudo de 1972, publicado no *American Journal of Sociology*, Tuchman conclui que a ideia de objetividade é necessária na medida em que atua como um *ritual estratégico*. Isto é, um mecanismo de defesa contra as críticas (tanto de superiores envolvidos na *cadeia organizacional*, quanto de leitores e das próprias fontes citadas no conteúdo). No entanto, ela também expõe como há uma evidente discrepância entre o desejado (a objetividade) e o que de fato é realizado. Na prática, o jornalista invoca diariamente o *news judgement* — sua experiência e perspicácia adquirida ao longo da prática profissional e vivência organizacional (que acaba sendo um senso comum compartilhado entre jornalistas) — no processo de tomada de decisão sobre o que é *importante* ou *interessante* para a construção das notícias (TUCHMAN, 1972).

A teoria estruturalista, assim como a organizacional, também reconhece a autonomia relativa do jornalista em relação à sua atividade. Porém, dá ênfase para o papel das fontes na definição do enquadramento pelo qual serão apreendidos os fatos. (VIZEU, 2003). O precursor e principal expoente dessa corrente é Stuart Hall. Segundo Hall *et al.* (1993), as pressões práticas do trabalho constante contra o relógio, assim como as exigências profissionais de imparcialidade e de objetividade

combinam-se para produzir um exagerado acesso sistematicamente estruturado aos media por parte dos que detêm posições institucionalizadas privilegiadas. Deste modo, os media tendem fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na sociedade. (HALL *et al.*, 1993, p. 316)

Acredita-se que essas pessoas que ocupam posições de prestígio e de destaque tenham acesso a informações mais precisas e especializadas do que a maioria da população. Esses porta-vozes são considerados por Hall *definidores primários*. Isto é, aquele que "estabelece o limite de todas as discussões subsequentes através do seu enquadramento do problema" (HALL *et al.*, 1993, p. 317). Portanto, a corrente estruturalista acredita que o *exercício de tornar um acontecimento inteligível* — além de compreender um processo social que confere sentido aos acontecimentos — também assume e ajuda a construir a sociedade como *consenso*.



Por um lado, esse consenso cultural é importante para a coesão da sociedade (como já foi apontado no início deste capítulo). Significa que partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais e que "temos acesso aos mesmos 'mapas de significado' que tanto são usados para interpretar acontecimentos, quanto incorporam ou refletem os interesses, os valores e as preocupações que são considerados importantes" (HALL *et al.*, 1993, p. 312). Sem esses mapas de significado em comum, o jornalista não conseguiria dar sentido aos acontecimentos que irrompem desordenados a realidade. É, portanto, através deles que o jornalista consegue identificar e contextualizar a novidade.

No entanto, como alerta Hall *et al.* (1993), esse ponto de vista consensual tem consequências políticas importantes quando encarados como única perspectiva e dados como natural por toda a comunicação. Eles podem acabar por representar a sociedade "como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos" (HALL *et al.*, 1993, p. 312). Isto é, homogeneiza os interesses sociais e oculta os conflitos necessários para seu avanço. Como diria Galtung, naturaliza o viés dos que ocupam posições de poder, contribuindo para tornar imperceptíveis as outras narrativas. Desse modo, as práticas de rotina e a estrutura dos media favorecem enquadramentos dentro de *paradigmas interpretativos dominantes*: seja por dar espaço a um definidor primário com notoriedade — de uma posição de poder, oriundo de uma classe historicamente privilegiada —, seja por traduzir as novidades em linguagem consensual.

Será possível inverter essa lógica? Em vez de reforçar a violência estrutural, cultural e direta, será o jornalismo capaz de promover a paz positiva e de contribuir para a desconstrução do *status quo*? É isso o que investiga o Jornalismo para a Paz.

### 2.3 JORNALISMO PARA A PAZ: UMA CORRENTE DE ESTUDOS

A teoria organizacional e a teoria estruturalista colocam no centro do debate aspectos que influenciam diretamente o trabalho do jornalista, mas que não estão exatamente sobre o seu domínio. Afinal, o peso dos valores de uma cultura, seja ela empresarial, seja a de um grupo social, deixam rastros nas narrativas criadas pelos indivíduos.

O Jornalismo para a Paz (JP) é uma linha de pesquisa dentro do campo do jornalismo que não ignora toda essa complexidade. Porém, retoma o foco da

investigação para o profissional, procurando entender o que os jornalistas podem efetivamente fazer para que sua atividade profissional contribua à construção de uma cultura de paz. Isto é, propõe-se a fazer a parte de um processo lento e sutil de fortalecimento dos ideais de paz e de não violência. E, em um segundo momento (mais contemporâneo), volta-se para as audiências: procurando verificar até que ponto esses esforços na hora da produção geram resultados efetivos na realidade social.

Segundo Jake Lynch, um dos principais pesquisadores do campo, Jornalismo para a Paz é quando repórteres e editores fazem escolhas sobre *o que* noticiar e sobre *como* noticiar, que “geram oportunidades para que a sociedade em geral *considere* e *valorize* respostas não violentas a conflitos” (LYNCH; MCGOLDRICK, 2005 apud. LYNCH, 2015, p. 193, tradução e grifo nosso), o que sugere uma espécie de atualização dos valores-notícia. Dov Shinar, outro importante pesquisador da área, traz uma visão mais ampla:

Jornalismo para a Paz é um *modo normativo de cobertura responsável e consciente* dos conflitos da mídia, que visa contribuir para a *construção e manutenção da paz*, e a mudança das atitudes dos proprietários da mídia, anunciantes, profissionais e públicos em relação à guerra e à paz. Tais objetivos são buscados por meio de (a) avaliações críticas do estado atual da cobertura de conflitos e (b) esforços para conceituar valores e práticas profissionais em termos teóricos e operacionais. (SHINAR, 2007, p. 2, tradução e grifo nosso).

Além dessas frentes, a *formação de jornalistas*, seja em ambientes formais, como cursos universitários, seja fora deles, através de programas e oficinas de desenvolvimento profissional, tem sido um dos principais mecanismo de divulgação dessa abordagem como prática profissional (LYNCH, 2015).

É importante pontuar que quando os investigadores falam que o objetivo do JP é criar oportunidades para que o público em geral considere e valorize respostas não violentas a conflitos, a palavra *conflito* não tem o mesmo significado de *violência*. Estes termos não são iguais. Segundo Montiel e Galtung (2019, p. 11), “*o conflito é inerente à vida*”. E só onde não há vida, não há conflito. Ao contrário da violência, o conflito pode ser positivo, tendo como consequência mudanças e transformações importantes — se gerenciados de maneira efetiva (MCGOLDRICK; LYNCH, 2000).

Em sua essência, o conflito pode ser definido como uma *incompatibilidade de objetivos* — uma divergência de interesses (MONTIEL; GALTUNG, 2019, p. 15). Podendo ser do tipo intrapessoal (quando é interno, dentro de uma pessoa), interpessoal (entre pessoas), sistêmico (entre grupos, nações...), ou ainda uma

mistura deles. Já a violência é um *ataque a necessidades básicas*. Ela é o resultado de um conflito não resolvido.

Segundo Galtung (2000, p. 25, tradução nossa), “um conflito tem seu próprio ciclo de vida; quase como algo orgânico. Ele aparece, atinge um clímax emocional e até violento, depois diminui, desaparece — e muitas vezes reaparece”, principalmente se não for remediado. Quando os objetivos são incompatíveis, surge uma contradição; quem não conseguir realizá-los, pode se sentir frustrado e essa frustração voltar-se para dentro na forma de ódio e de rancor, ou para fora, na forma de violência, muitas vezes com o intuito de defesa ou de vingança. Esse comportamento pode evoluir para uma espiral de ódio e de violência e tornar-se um *metaconflito*, onde só o que importa é *vencer*. Neste caso, a *raiz do conflito* — assim como a busca por soluções, por saídas possíveis e por uma transformação real — é deixada de lado.

O Jornalismo para a Paz recorre à disciplina de análise e de mediação de conflitos para atualizar o conceito de equilíbrio, de justiça e de precisão no jornalismo. E “fornece um novo roteiro que traça as conexões entre os jornalistas, suas fontes, as histórias que cobrem e as consequências de suas reportagens — ou seja, a *ética da intervenção jornalística*” (MCGOLDRICK; LYNCH, 2000, p. 5, tradução nossa). Ele se propõe a explorar os antecedentes e os contextos que originaram os conflitos, busca dar espaço às partes envolvidas e principalmente: procura “assegurar que o *conflito em si*, e não as partes, seja visto como o problema” (SHINAR, 2008, p. 44).

Assim, é como se o propósito do jornalismo ganhasse novos contornos. Além de informar e de traduzir os acontecimentos, como propuseram Kovach e Rosenstiel (2001), ele também passa a ter como finalidade a *paz positiva*. Como ator da esfera simbólica, o jornalismo pode ser uma expressão da *paz cultural*, construindo narrativas que apresentam alternativas à violência, mostram que há pontos de conexão entre partes supostamente antagônicas e que há um horizonte de soluções.

Afinal, toda atividade jornalística é uma forma de intervenção. E essa intervenção provoca um efeito que não só é da ordem do racional, do conhecimento intelectual, mas também do emocional. Isto é, há uma *experiência emocional* (LYNCH, 2015) que transcorre durante o consumo de um produto jornalístico. Há uma *resposta emocional* ao conteúdo. E essa vivência também tem um papel fundamental no processo de *formação de sentido* a que se referia Hall *et al.* (1993) sobre o assunto em pauta. Atuando na maneira como se percebe o conflito e, conseqüentemente, no posicionamento das pessoas em relação a ele.

O Jornalismo para a Paz se preocupa em contar os acontecimentos através de narrativas que favoreçam *respostas não violentas* aos acontecimentos e problemas pautados. E espera-se que esse esforço (aliado a iniciativas semelhantes empreendidas por outras vertentes da cultura) ajude a provocar uma mudança na opinião pública. Dessa forma, alguns pesquisadores vinculam o JP a uma “tradição do jornalismo radical *comprometido com a mudança social progressiva*” (KEEBLE’S, 2010 apud LYNCH, 2015, p. 194, tradução e grifo nosso), um *movimento global* pela mudança em torno da comunidade jornalística e acadêmica (LYNCH, 2015). Ou, ainda: uma “*estratégia* que visa à melhoria das representações da mídia, da construção da realidade e da consciência crítica” (SHINAR, 2008, p. 42, grifo nosso).

### 2.3.1 A construção do modelo e dos critérios do Jornalismo para a Paz

Segundo Fernando Montiel (2015), pesquisador mexicano no campo da paz e tradutor de Galtung para o espanhol, o Jornalismo para a Paz surge de forma periférica e carrega até hoje um *status* marginal no círculo acadêmico e mediático. Sua origem é na noruega com o próprio Johan Galtung, como um desdobramento dos Estudos para a Paz. Se uma *cultura de paz* é definida como um “conjunto de *teorias* e *práticas* que contribuem para a construção de boas relações, pautadas na cooperação e no desenvolvimento, e sem uso da violência” (MONTIEL; GALTUNG, 2019, p. 23, tradução nossa), então o Jornalismo para a Paz é uma dessas propostas teórico-práticas.

A data precisa de seu nascimento não é bem definida. Alguns investigadores apontam o artigo de Johan Galtung e Mari-Holmboe Ruge de 1959, *The Structure of Foreign News* — o mesmo que Traquina (2002) referenciou como pioneiro na sistematização dos valores-notícia —, como seu antecedente mais remoto. Independentemente da data precisa, o contexto geopolítico de seu surgimento é a Guerra Fria. No entanto, ele não nasce no cerne desse conflito, e sim na periferia, na esteira de articulações como o Movimento dos Países Não Alinhados, formado em 1955 em oposição à ordem bipolar imposta pela disputa política entre Estados Unidos e União Soviética (MONTIEL, 2015).

Galtung começou a usar o termo *Peace Journalism* na década de 1970. Ele se sentia incomodado com a maneira com que eram representados os conflitos entre nações pelos correspondentes de guerra que, em vez de se centrar nas raízes do

desentendimento, davam ênfase ao metaconflito: narrando as consequências visíveis do embate, a *violência direta*, e seus desdobramentos já em um estágio de violência generalizada (GALTUNG, 2000). Para ele, esse tipo de cobertura operava em uma lógica semelhante à do jornalismo esportivo. Era narrado um *confronto*, como se as partes fossem oponentes em busca da vitória. Sendo uma obrigada a perder para a outra triunfar.

Galtung chamou esse tipo de abordagem de Jornalismo de Guerra (*War Journalism*) e sugeriu que o Jornalismo para a Paz seria mais parecido com a cobertura jornalística de saúde, na qual um bom repórter representa a batalha de um paciente contra o avanço de uma doença. Mas também aborda as possíveis causas para seu desenvolvimento, trazendo à tona o estilo de vida do paciente, o ambiente em que cresceu, sua composição genética... assim como todas as possibilidades de cura que dispõe e as medidas preventivas que podem servir aos demais cidadãos (MCGOLDRICK; LYNCH, 2000). Ele sistematizou essas definições em um quadro comparativo<sup>3</sup> que, por muito tempo, foi a principal referência teórica desta linha de pesquisa. A proposta está apresentada no quadro a seguir.

---

<sup>3</sup> Conflict Transformation by Peaceful Means: The TRANSCEND Method by Professor Johan Galtung. UN publication, 1999.

Quadro 2 – Tabela de Galtung

Jornalismo para a Paz	Jornalismo de Guerra
<p><b>I. Orientado para a paz/conflito</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explora a formação de conflitos; há partes, objetivos e problemas múltiplos</li> <li>- Todas as partes ganham</li> <li>- Espaço e tempo abertos: causas e consequências em qualquer lugar, inclusive na história e na cultura</li> <li>- Apresenta os conflitos com transparência</li> <li>- Dá voz a todas as partes, com empatia e entendimento</li> <li>- Vê conflito e guerra como problemas e foca na criatividade</li> <li>- Humaniza todas as partes, especialmente quando há armamentos</li> <li>- É proativo: busca a prevenção antes que a violência e guerra ocorram</li> <li>- Foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura</li> </ul>	<p><b>I. Orientado para a guerra/violência</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Foca na arena de conflito; há duas partes e um objetivo (vencer)</li> <li>- Uma parte ganha, a outra perde</li> <li>- Espaço e tempo fechados: causas e consequências se restringem à arena, focando em quem atirou a primeira pedra</li> <li>- Apresenta a guerra de forma obscura/secreta</li> <li>- “Nós contra eles”; voz somente para “nós”</li> <li>- Vê “eles” como o problema e foca em quem prevalece na guerra</li> <li>- Desumaniza “eles”, especialmente quando há armamentos</li> <li>- É reativo: espera atos violentos para reportar</li> <li>- Foca nos efeitos visíveis da violência: número de mortos, feridos e danos materiais</li> </ul>
<p><b>II. Orientado para a verdade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Expõe as inverdades de todas as partes</li> </ul>	<p><b>II. Orientado para a propaganda</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Expõe inverdades sobre “eles” e ajuda a encobrir as “nossas” mentiras</li> </ul>
<p><b>III. Orientado para as pessoas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Foca no sofrimento de todos e dá voz a mulheres, crianças, idosos</li> </ul>	<p><b>III. Orientado para as elites</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Foca no “nosso” sofrimento; tem homens da elite como porta-vozes</li> </ul>
<p><b>IV. Orientado para soluções</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Paz = não-violência + criatividade</li> <li>- Destaca iniciativas voltadas para a paz, a fim de, também, prevenir outras guerras</li> <li>- Foca na estrutura, na cultura e em uma sociedade pacífica</li> <li>- Resultado: resolução, reconstrução, reconciliação</li> </ul>	<p><b>IV. Orientado para a vitória</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Paz = vitória + cessar-fogo</li> <li>- Oculta as iniciativas de paz até que a vitória já tenha sido conquistada</li> <li>- Foca em tratados, instituições e em uma sociedade controlada</li> <li>- Parte para outras guerras e retorna à mesma caso haja questões pendentes</li> </ul>

Fonte: MCGOLDRICK; LYNCH, 2000.

Assim, inicialmente, a pesquisa acadêmica teve como base esse modelo para a produção de critérios avaliativos para a análise de matérias sobre *conflitos armados*. E foi só nos anos 2000 que o comparativo foi adaptado para a construção de critérios capazes de avaliar não só conflitos armados e situações de guerra, mas também *conflitos políticos*, por exemplo. “Lynch (2006) adaptou o modelo para fornecer critérios para analisar a cobertura da imprensa britânica de um conflito político envolvendo respostas ao programa nuclear do Irã” (MCGOLDRICK; LYNCH, 2014, p. 2).

Em 2007, após dois anos de pesquisa sobre Jornalismo para a Paz conduzido por um grupo formado pelo *Toda Peace Institute*, as características desta abordagem foram sintetizadas e reformuladas por Shinar (2007) em uma lista com seis itens. Sendo eles:

1. Explora os antecedentes e o contexto de formação dos conflitos; apresenta as causas e as opções de todos os lados, de modo a retratar os conflitos em termos realistas e com transparência para o público;
2. Dá voz aos pontos de vista de todas as partes;
3. Oferece ideias criativas para a resolução dos conflitos, bem como para a construção e para a manutenção da paz;
4. Verifica os fatos e as distorções apresentadas por todos os lados, revelando os excessos cometidos e o sofrimento infligido em pessoas de todas as partes;
5. Presta atenção às histórias de paz e aos desenvolvimentos do pós-guerra mais do que na cobertura regular do conflito;
6. Promove atitudes realistas e cautelosas com relação ao êxito que o Jornalismo para a Paz pode ter em superar resistências e rejeições. (SHINAR, 2007, p. 2, tradução nossa)

Esta abordagem é orientada para a *solução*. É propositiva e construtiva no sentido de que busca apresentar caminhos criativos e aceitáveis por todas as partes para a transformação não violenta dos conflitos — indo além da identificação dos problemas e da culpabilização dos atores. Por isso, almeja despertar o sentimento de *esperança*, em vez do *conformismo*.

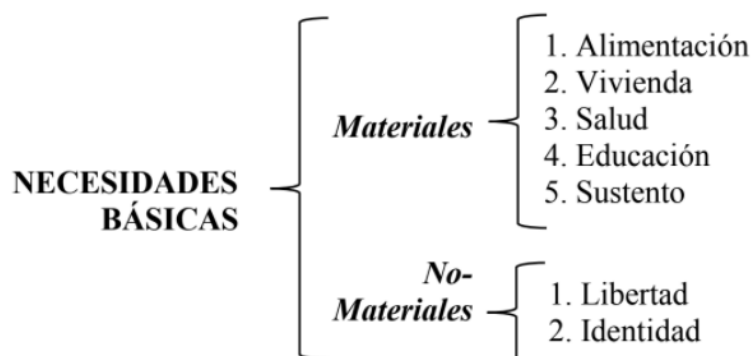
Tendo em vista o potencial criativo e transformador dos conflitos, Galtung (2000) cria o Método Transcend. Na raiz do método, está a compreensão de que o conflito é originado por uma divergência de objetivos. Logo, há um problema a ser resolvido — e não partes (pessoas, grupos, etc) incompatíveis. Para transformar um conflito, é preciso transcender os objetivos dados como incompatíveis, definindo novos, imaginando outra realidade e, assim, desvinculando o conflito de sua situação original e inserindo-o em um lugar mais promissor. Isso se dá por meio do diálogo baseado na empatia, na não violência e na criatividade conjunta.

Trazendo esse método para a realidade do jornalismo a TRANSCEND, uma rede internacional para o desenvolvimento da paz fundado por Galtung em 1993, orienta seus colaboradores a seguirem três etapas. São elas:

1. Identificar os objetivos das várias partes envolvidas direta ou indiretamente em um conflito e as possíveis contradições entre elas;
2. Distinguir entre objetivos legítimos e ilegítimos;
3. Encontrar soluções criativas para transcender as contradições e cumprir todos os objetivos legítimos. (TRANSCEND MEDIA SERVICE, 2020)

*Objetivos legítimos*, neste caso, são aqueles compatíveis com as *necessidades básicas* requeridas para resolver o conflito. Além disso, precisam estar alinhados com os direitos humanos e com a lei (MONTIEL; GALTUNG, 2019).

Figura 2 – Necessidades básicas.



Fonte: MONTIEL; GALTUNG, 2019.

Desse modo, os critérios e as características do Jornalismo para a Paz foram se desenvolvendo na forma de um *método*, inspirado na teoria de conflitos, e desenhado para orientar os jornalistas no exercício da sua profissão. No entanto, a eficácia dessa abordagem ainda era questionada: pouco se olhava, até então, para as audiências.

### 2.3.2 Os efeitos do Jornalismo para a Paz nas audiências

No intuito de verificar se respostas não violentas eram realmente estimuladas pelo Jornalismo para a Paz, os pesquisadores começaram, no final da primeira década do século XXI, a estudar como essa prática chegava ao público consumidor.

Segundo McGoldrick e Lynch (2014), os alemães Schaefer e Kempf foram os pioneiros na análise da *recepção* da audiência a esta abordagem.



Eles investigaram como leitores respondiam a matérias que tratavam de episódios de um conflito armado no sudeste europeu. Para o estudo, foram criadas outras três versões de um conteúdo originalmente publicado em um jornal alemão: na primeira, o enquadramento era orientado à escalada (intensificação) do conflito; na segunda, a uma desescalada moderada; e a terceira, a uma forte desescalada. Um total de 128 pessoas leram diferentes combinações de versões dos três artigos e responderam a um questionário de 16 itens. O padrão de avaliação mais significativo revelado por essa análise foi o número significativo de participantes expressando “forte interesse em [receber] mais informações” sobre o conflito (KEMPF, 2007 apud MCGOLDRICK; LYNCH, 2014, p. 2, tradução nossa). Isso se aplicou a 22,4% dos leitores de versões orientadas à escalada da violência, mas também a 23,1% dos leitores de versões orientadas a sua redução e desescalada. Isto é, a cobertura que incita o acirramento de um conflito *não é a única* capaz de despertar o interesse do público. Uma cobertura mais ponderada também é capaz disso, mostrou o estudo.

Inspirando-se na metodologia dos alemães, McGoldrick e Lynch (2014) conduziram uma pesquisa em quatro países — Austrália, Filipinas, África do Sul e México —, no qual diferentes versões de matérias do noticiário televisivo foram mostradas a audiências monitoradas. Neste caso, as notícias abordavam conflitos diversos, não só armados, como o tratamento político dado a solicitantes de asilo e a violência sexual. Para isso, foram usadas *duas versões de cada história*: a original, considerada um exemplo de Jornalismo de Guerra, e uma versão adaptada com base na tabela comparativa de Galtung e nos seis itens da lista de Shinar (2007), considerada um exemplo de Jornalismo para a Paz.

Para criar as versões de JP, a equipe de pesquisa produziu novos materiais, como fotos e entrevistas e depois roteirizou e recontou as histórias trabalhando em parceria com a redação de uma televisão local em cada país. Assim, um boletim de Jornalismo para a Paz e um boletim de Jornalismo de Guerra foram produzidos em cada país, cada um com entre quatro e sete matérias. Para assisti-los, os participantes foram divididos em dois grupos (em cada país) com perfis equivalentes, sendo 472 pessoas no total.

Durante a exibição dos boletins, os participantes tiveram sua pulsação sanguínea monitorada, sendo possível identificar as mudanças na frequência cardíaca de cada um. Além disso, eles preencheram um questionário após cada matéria e participaram de grupos focais. A partir da combinação dessas metodologias, foi

possível concluir que as respostas dos espectadores mostraram diferenças significativas conforme a versão assistida. A *esperança* e a *empatia* foram mais presentes entre os telespectadores que assistiram ao boletim de Jornalismo para Paz, enquanto que houve um aumento da *raiva* e da *angústia* no grupo que assistiu ao Jornalismo de Guerra. Assim, foi demonstrada uma relação direta do enquadramento das notícias com o processo de construção de sentido da audiência e com uma maior ou menor disposição do público para considerar respostas não violentas aos conflitos. (MCGOLDRICK; LYNCH, 2014).

Algumas matérias, provocaram um efeito mais intenso no público e, buscando entender o que levava a isso, McGoldrick e Lynch (2014) descobriram que as histórias de Jornalismo para a Paz mais “bem sucedidas” tinham todas um elemento em comum: *a presença e o testemunho de um protagonista humano* que contava sua vivência. Para exemplificar, eles comentam a reportagem mexicana sobre a prisão de “El Loco”, rotulado pelos policiais de líder regional de um grande cartel de drogas. A matéria mostrava a prisão desse personagem diante das câmeras e continha uma entrevista e uma sequência de fotos com um pai enlutado, chamado Eduardo Gallo y Tello, um importante executivo cuja filha, então com 25 anos, havia sido sequestrada e morta por narcotraficantes. No entanto, desafiando a resposta dominante por uma reação e solução armada, seu testemunho exigiu respeito e conquistou a atenção do público pelo argumento lógico apresentado de que regulamentar as drogas seria a única maneira de baixar o preço e de, assim, tornar o comércio menos atraente aos criminosos. “Aparentemente, havia um “valor surpresa” contraintuitivo — ele [o pai] não era um parente de luto com desejo de vingança, e sim pensativo, analítico.” (MCGOLDRICK; LYNCH, 2014, p. 9, tradução nossa). Assim, a pesquisa demonstrou que os discursos de paz eram trazidos à tona na imaginação dos espectadores por meio de uma *conexão humana*, envolvendo uma “*esfera pública emocional*” (RICHARDS, 2010 apud MCGOLDRICK; LYNCH, 2014, p. 8).

Em geral, o engajamento emocional e o cognitivo se mostraram indissociáveis: a *empatia* com um personagem gerava um sentimento de *esperança*, de que uma mudança positiva por meio da ação social ou política era possível, e isso, por sua vez, levava a um questionamento do senso comum. Por outro lado, a ausência de perspectivas futuras nas versões de Jornalismo de Guerra incomodou alguns telespectadores, que se disseram cansados de ouvir as mesmas coisas repetidas vezes sem que lhes fossem apresentadas soluções, ou sem que lhes fossem

apontadas maneiras de ajudar e de contribuir para a resolução do conflito. A partir dessas reflexões, os autores concluem que o que torna o jornalismo *emocionalmente exaustivo* (PHILO; BERRY, 2004 apud MCGOLDRICK; LYNCH, 2014, p. 16) não seria uma compaixão excessiva, e sim a ausência de soluções nas narrativas.

Inclusive, a conexão através da empatia e a existência e a viabilidade de *ideias criativas* para a resolução de problemas se mostrou capaz de despertar um interesse renovado da audiência pelo assunto. Como no caso da reportagem da África do Sul sobre um caso chocante de estupro coletivo de uma adolescente com deficiência intelectual: neste episódio, os agressores gravaram um vídeo do crime, que se espalhou pela internet; no entanto, a versão de Jornalismo para a Paz trazia o relato de Dumisani Rebombo, um homem que se expôs emocionalmente, revelando sua própria culpabilidade em um estupro coletivo ocorrido décadas antes, e falou sobre as pressões culturais envolvendo os perpetradores e sobre sua experiência pessoal de reparação, treinando outros homens para serem pais e maridos melhores. (MCGOLDRICK; LYNCH, 2014).

### **2.3.3 Desafios: entre a teoria e a prática**

Apesar de todos os esforços que os jornalistas podem fazer em prol de uma cultura de paz, é certo que o jornalismo profissional toma seu lugar apenas como uma forma influente de produção simbólica, entre inúmeras outras (LYNCH, 2015). E para além das questões externas ao campo. Internamente, os desafios são inúmeros.

Shinar (2007), questiona-se se uma *reforma estrutural* seria um pré-requisito para que o Jornalismo para a Paz pudesse de fato ser bem sucedido. Para refletir a diversidade e a complexidade do mundo com equilíbrio, a estrutura precisaria ser plural. No entanto, “vivemos num ambiente de comunicação controlado por monopólios de mídias governamentais ou por oligopólios de mídias comerciais.” (SHINAR, 2008, p. 42), onde os recursos ficam concentrados. O “conhecimento público sobre questões vitais vão retratar uma homogeneidade indevida de opinião e reduzir a reflexividade e a resiliência democrática” (SHINAR, 2007, p. 4).

No Brasil, por exemplo, a população negra (constituída pelas pessoas que se autodeclaram pardas ou pretas) representa 55,8% dos brasileiros (IBGE, 2019). Porém, entre os jornalistas, só 23% (sendo 5% pretos e 18% pardos) são pessoas negras, de acordo com o Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2012). Além

disso, nos três jornais de maior circulação do país — O Globo, Folha de São Paulo e Estadão — 96% dos colunistas, os formadores de opinião, são pessoas brancas, segundo o Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), sendo mais de 70% homens (CANDIDO; JÚNIOR, 2016). A pesquisa ainda revelou não haver mulheres negras colunistas na Folha de São Paulo. A baixa participação de mulheres brancas e a quase exclusão de homens negros e, sobretudo, mulheres negras no jornalismo brasileiro demonstra um cenário pouco condizente com a realidade nacional.

Esse perfil homogêneo encontrado na Grande Mídia, favorece enquadramentos dentro do que Hall *et al.* (1993) chamou de paradigmas interpretativos dominantes e também tende à naturalização do acesso a fontes com perfil semelhante. O fato é que pessoas negras ainda costumam ser consultadas pelo jornalismo profissional basicamente em matérias que tem como assunto principal questões raciais. Com isso, perde-se, segundo Ferro (2012 apud ALBUQUERQUE, 2016) a oportunidade de haver maior possibilidade de identificação e de empatia nos noticiários.

Considero as histórias de interesse humano uma ótima, porém desperdiçada ferramenta para promover a convivência democrática e o conhecimento mútuo dos diversos segmentos raciais no Brasil. Com a aparição (também) de negros como personagens da vida real em situações comuns do cotidiano e sem referência alguma a sua raça no jornalismo de televisão, tal mensagem é potencializada pelo recurso imagético, estabelecendo-se assim, esse meio (mais do que qualquer outro), como o terreno fértil para a desconstrução de estereótipos, o combate à discriminação racial e a promoção da democracia racial, efetivamente. (FERRO, 2012 apud ALBUQUERQUE, 2016, p. 20)

Outro desafio é o tempo. Com as mídias sociais e os smartphones, o ritmo da vida se intensificou, assim como o imperativo do *aqui e agora*. O compartilhamento online é instantâneo, e o “novo” que desperta interesse e curiosidade passa a “velho” em questão de segundos. Quando houve, por exemplo, as explosões de 4 de agosto de 2020 em Beirute, no Líbano, que ocasionaram a destruição de parte da cidade e deixaram mortos e feridos, “Beirut” se tornou rapidamente um *trending topic* no Twitter. As pessoas estavam compartilhando vídeos amadores do momento das explosões com mensagens de espanto e de pêsames, mas não sabiam o que as havia provocado. Na semana seguinte, o interesse pela cidade no Google, de acordo com o Google Trends (GOOGLE, 2020), já havia despencado em mais de 90% e duas semanas depois, era o mesmo que antes do acontecimento.<sup>4</sup> Morin (2011) escreve

---

<sup>4</sup> Consulta ao Google Trends feita no dia 05/09/2020.

como a superabundância de informações cada vez mais reflete na fragmentação do conteúdo, o que favorece a lógica binária e maniqueísta de “verdadeiro/falso”, “bem/mal”. Com toda essa urgência, produzir informação contextualizada é um esforço ainda maior.

Outro grande desafio são as condições de trabalho e a saúde mental do jornalista. Afinal, como abordar os conflitos de modo construtivo, estando com a saúde comprometida? Segundo o Dart Center For Journalism & Trauma, da Universidade de Columbia, entre 80 e 100% dos jornalistas já presenciaram eventos traumáticos diretamente relacionados ao exercício da sua profissão (SLAUGHTER *et al.*, 2019). No Brasil, conforme a Federação Nacional dos Jornalistas, 70% dos profissionais que participaram do estudo “História cruzadas: saúde mental do jornalista dentro das redações” afirma ter diagnóstico de transtornos psicológicos. Assim, o excesso de jornadas, a fragilidade de vínculos empregatícios e a violência contra os profissionais impactam no bem-estar dos profissionais. E isso tudo representa um grande desafio na hora de construir histórias ponderadas com foco na solução.

No entanto, os estudos de McGoldrick e Lynch (2014) e de Schaefer (2006) e Kempf (2007) apresentados anteriormente, indicam uma oportunidade: o público também deseja narrativas que lhe despertem esperança e vontade de agir com base no que acreditam. As pesquisas mostram que é possível fugir do sensacionalismo e ainda assim gerar um alto engajamento emocional. Além disso, por parte dos profissionais, também há o desejo de ser mais relevante para o seu público e de entregar um conteúdo responsável. Isso se explica pelo surgimento de abordagens semelhantes ao Jornalismo para a Paz, como o jornalismo de soluções, o jornalismo construtivo, o jornalismo compassivo, as narrativas restaurativas etc. E o podcast Mamilos, tema do próximo capítulo, mostra, na prática, que há espaço para esse tipo de enquadramento.

### 3 PODCAST MAMILOS: JORNALISMO DE PEITO ABERTO

Neste capítulo, é apresentado o podcast Mamilos e a sua proposta de fazer um *jornalismo de peito aberto*. Para isso, tentou-se contato com as produtoras por e-mail para que uma entrevista fosse concedida para a produção desta monografia. No entanto, isso não foi possível. Sendo assim, as informações foram retiradas de falas das apresentadoras realizadas em eventos TEDx, cujos vídeos foram disponibilizados na internet, de uma palestra proferida por Cris Bartis no 14º Congresso de Jornalismo Investigativo em maio de 2019<sup>5</sup>, e dos próprios episódios do programa. Na sequência, aborda-se brevemente a evolução do *podcasting* a partir de textos acadêmicos, definindo a segunda era deste formato a partir de Bonini (2020).

#### 3.1 A DESCOBERTA DO JORNALISMO NO MAMILOS

Em novembro de 2014, Cris Bartis e Juliana Wallauer, duas mulheres vindas do mercado da publicidade, lançaram o primeiro episódio de um podcast que buscava discutir temas polêmicos com empatia e respeito, o Mamilos. O nome do programa foi inspirado em um meme da época, no qual um menino dizia de forma cômica que *mamilos são muito polêmicos*. “Naquela época, eu [Cris] e a Juliana estávamos super horrorizadas. Gente as pessoas estão gritando muito, as pessoas nem estão se falando.” (BARTIS, 2019a). As redes sociais haviam ganhado relevância, passando a ser o grande palco do debate público e já impactavam, com seu modo de funcionamento, as discussões políticas.

A lógica dos algoritmos e das interações em redes sociais ao mesmo tempo que nos mergulha em uma bolha ensurdecadora de opiniões similares às nossas – trazendo a sensação de que nossa perspectiva é óbvia e irrefutável – também privilegia a forma de entregar esses conteúdos que seja mais inflamatória. Quanto mais lacrador for o argumento, quanto mais indignação provocar a denúncia, quanto mais absurdo parecer o erro, maior será o engajamento da audiência com o conteúdo – e maiores as chances dele chegar em você. (B9 COMPANY, 2019)

Naquela época, as fundadoras, e também apresentadoras do podcast, ainda não conheciam técnicas específicas de mediação (que depois vieram a ter como inspiração), como a escuta ativa e a Comunicação Não Violenta — e muito menos o Jornalismo para a Paz. O que havia era uma inquietação, a vontade de discutir os grandes temas que surgiam como pauta na sociedade sem cair na lógica da “lacração”

---

<sup>5</sup> Na qual a autora desta monografia esteve presente.

e da polarização. “Nos interessavam as conversas, os encontros, movidos mais por curiosidade do que por certezas.” (B9 COMPANY, 2019). Desse modo, a proposta surgiu como um podcast semanal para debater os temas polêmicos com empatia, respeito, tolerância e bom-humor, trazendo especialistas com diferentes argumentos, visões e vivências para contextualizar e expandir a conversa. A ideia era que o ouvinte pudesse formar sua opinião após ter uma compreensão mais profunda sobre o assunto.

Foi só no episódio 25, lançado seis meses após a estreia em 15 de maio de 2015, que Cris e Ju descobriram que o que vinham fazendo semanalmente, reunindo convidados na mesa para debater os assuntos em pauta, era jornalismo. A constatação veio por parte de um dos entrevistados do programa, o jornalista Marco Túlio Pires. É então, a partir desse momento, que surge o slogan “Jornalismo de Peito Aberto”, sob a *premissa de construir pontes, em vez de provar pontos*.

### 3.2 PROPOSTA EDITORIAL: O QUE SIGNIFICA FAZER JORNALISMO DE PEITO ABERTO?

Em sua palestra para o TEDx Campinas em junho de 2019, Cris Bartis explica que um jornalismo de peito aberto é, antes de tudo, *anti-inflamatório*. Isto é, em vez de incitar o ódio e a violência, ele busca propor diálogo e conexão. Nas palavras da apresentadora:

A gente entende, hoje, que está tudo muito inflamado. A gente lê uma notícia e fica horas ruminando aquilo. E faz muito mal, porque a gente está vivendo na cultura da indignação. Eu vivo indignado. Eu vejo aquilo e fico indignado, eu leio isso e fico indignado. [...] E a indignação suga a sua energia e você fica tão exausto e chega no final do dia e você acha que nada vale à pena. A gente decidiu fazer um jornalismo anti-inflamatório. Então, a nossa conversa vai justamente para narrativas restaurativas e um jornalismo de paz. O que que isso quer dizer? A gente evita incitar qualquer tipo de discurso de ódio, de discriminação e violência. (BARTIS, 2019b)

Para ilustrar como essa proposta permeia todas as decisões durante a produção do programa, Cris comenta sobre o episódio 140, de março de 2018. O contexto nacional era de comoção pelo assassinato de Marielle Franco, então vereadora do Rio de Janeiro. No calor dos acontecimentos, grande parte dos veículos davam ênfase em sua cobertura para o assassinato em si (a violência direta), porém o Mamilos decidiu trazer uma conversa sobre *direitos humanos* (abordagem estrutural), como forma de perpetuar o legado e as discussões que Marielle defendia e se dedicava a fazer. “Dentro dessas narrativas restaurativas, nós [Cris e Ju]

entendemos que era importante aprofundar a conversa sobre a infraestrutura, sobre a sociedade, porque assim se percebe a necessidade de mudança do todo.” (BARTIS, 2019b).

Segundo Tenore (2014 apud MCINTYRE; DAHMEN; ABDENOUR, 2016), a *narrativa restaurativa* se encaixa como um gênero recente dentro do guarda-chuva do jornalismo de contexto. Neste, para além de narrar os fatos de uma tragédia e as notícias de última hora, é importante ampliar a compreensão sobre o assunto e incluir *histórias de recuperação e de resiliência*. Nesta perspectiva, assim como no Jornalismo para a Paz, o profissional da mídia é um sujeito na construção da realidade que busca ativamente, por exemplo, despertar um sentimento de esperança no público através da empatia e da conexão com outras pessoas. Tendo esse entendimento, o profissional pode tomar decisões mais responsáveis e conscientes.

Outro exemplo de como isso se reflete na prática, na definição do enquadramento e das fontes, é o episódio 185, chamado *A nova tradicional família brasileira*. Segundo Bartis (2019a), a ideia desse programa partiu de uma visita a um abrigo que acolhe mulheres vítimas de violência doméstica. Depois desse trabalho, a equipe de produção ficou muito tocada pela temática e um aspecto da complexa situação chamou muito a atenção de todos: uma das grandes preocupações das mulheres com quem conversaram era o receio de destruir suas famílias, caso se separassem de seus maridos. Esse ponto fazia com que muitas delas, mesmo conscientes da situação de violência, retornassem aos seus agressores. As produtoras do podcast então ficaram confusas: afinal, já não estavam deteriorados os laços familiares daquelas mulheres? Que ideal era esse que elas tinham tanto medo de romper? E, se a família existe para dar suporte, uma mãe sozinha, mas que batalha e dá atenção aos filhos, não cumpre este papel?

A partir disso, o Mamilos decidiu fazer um programa que falasse sobre família, refletindo sobre a diversidade das estruturas familiares e sobre os aspectos subjetivos que atravessam essas estruturas independentemente da sua configuração. O enquadramento já estava definido, o próximo passo era definir a mesa de convidados.

Como é que dá para falar de uma maneira produtiva para construir uma ponte? Quem inviabiliza? Quem desqualifica família que não é homem mulher e filhos? A bancada evangélica hoje fala muito disso... que é muito pecado, muita culpa... e se a gente trouxesse um pastor que falasse que é família sim? Através de histórias de pessoas que vivem famílias diferentes, reforçando que é dado, mostrando pesquisa do IBGE, mostrando as novas configurações. [...] Então, tudo que a gente faz tem um objetivo: Qual era meu objetivo com esse programa? Que essas pessoas que estão em famílias



quebradas entendam que existem novas configurações de família onde elas possam viver. (BARTIS, 2019a)

O convidado do episódio foi o pastor da Igreja Batista do Caminho, ator, poeta, teólogo e professor, Henrique Vieira — que também é um defensor pelos direitos humanos. Neste caso, o fio condutor do programa foram relatos de pessoas que narravam suas diferentes vivências familiares e, conforme eles eram lidos pelas apresentadoras, o pastor ia comentando e expondo a sua percepção sobre as histórias. Após o episódio, muitos ouvintes escreveram ao Mamilos, dizendo terem se emocionado ao escutar o programa: tanto ateus quanto religiosos que conseguiram se ver, enquanto defensores dos direitos humanos, representados pela fala do pastor Henrique Vieira. Cris conta que, na semana seguinte após o episódio ir ao ar, o pastor retornou a elas dizendo que sua missa em Niterói estava lotada e que muitos dos presentes não eram pessoas religiosas. “E aí, a gente falou: bem-vindo ao mundo das conversas.” (BARTIS, 2019a)

Com esse episódio, percebe-se de uma forma muito nítida o que Galtung (2000) definiu como *criatividade* na construção das abordagens de paz. Ao destrinchar o Método Transcend, ele escreve que não há outra alternativa para transformar um conflito, se não mudar atitudes e comportamentos violentos por meio da criatividade, já que ela possibilita que sejam encontradas saídas às contradições.

À medida que o ódio e a disposição para a violência aumentam, a empatia, as abordagens não violentas e a criatividade são ainda mais necessárias. Porém, em conflitos com formação profundamente polarizada, tais habilidades têm menos chance de êxito. (GALTUNG, 2000, p. 15, tradução nossa)

A criatividade é, assim, uma chave importante para que seja possível enxergar novas perspectivas que *transcendem* os objetivos em conflito e para que seja possível construir narrativas de paz.

Outro episódio que ilustra essa abordagem criativa é o 168, *Quem é o eleitor brasileiro? - parte 2*. Depois de um episódio dedicado a entender melhor o contexto político e social das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, que contou com Manoel Galdino, doutor em ciência política e diretor executivo do Transparência Brasil, e com André Perfeito, economista-chefe da Spinelli, este segundo não teve convidados. Para fazer o exercício de dialogar com pessoas reais, em vez de permanecer na superfície das narrativas prontas e inflamadas que contaminavam o debate público, a produção conversou com 11 eleitores. Para cada um deles, foram feitas as mesmas perguntas

sobre temas variados, como as seguintes: “qual é o seu filme preferido e por quê?”, “qual é o seu livro preferido e por quê?”, “qual é a sua pessoa preferida?”, “o que te move?”, “o que te faz feliz?”, “o que te tira do sério”, “qual é a coisa mais importante na vida?”, “qual é o futuro que você quer e o que é que você faz para construir isso?”. Por fim, a última pergunta era: “em quem você vai votar e por quê?”.

O programa foi ao ar um dia antes do segundo turno e foi pensado de modo a contornar, criativamente, estereótipos recorrentes sobre o perfil dos eleitores, que apenas aumentavam o ruído e impediam o diálogo. O ouvinte era convidado a acompanhar a sequência de perguntas e respostas de cada um dos entrevistados e, com isso, ia criando conexões e desenvolvendo empatia, fosse pelo gosto literário semelhante, pelo carinho que a pessoa havia demonstrado por um familiar ou por um amigo, fosse pelo desejo compartilhado de ser feliz. E então, com a última pergunta, muitas vezes o ouvinte era pego de surpresa com a resposta de um candidato oposto ao que ele imaginava que seria mencionado por aquela pessoa.

Além do enquadramento, a premissa de construir pontes também impacta na escolha dos convidados. “Os convidados são sempre pessoas que têm algo de importante para dizer. Mas tem um outro pressuposto para sentar na nossa mesa: são pessoas interessadas em ouvir”, explica Bartis (2019b). Além disso, busca-se trazer pluralidade para a conversa.

No entanto, a apresentadora Cris Bartis em sua palestra no TEDx Campinas reconhece que às vezes ocorrem falhas e deslizos, seja pelo tempo limitado, seja por um equívoco em alguma decisão, o que expõe a própria vulnerabilidade de quem produz o Mamilos. Um exemplo disso é o episódio 188, “A pornografia é vilã?”. Após ir ao ar, uma ouvinte enviou um e-mail, no qual ela apresentava um extenso contraponto ao programa. O Mamilos, então, pediu para que a ouvinte gravasse seu texto em áudio, editou o episódio 188 e incluiu o trecho no final da conversa para que quem viesse a escutar o programa pudesse ter uma experiência de conteúdo mais plural e mais completa do que a proposta inicial.

A expressão “*de peito aberto*” remete por si só à ideia de *vulnerabilidade*, um elemento fundamental, segundo Marshall Rosenberg (2006), o criador da Comunicação Não Violenta, para gerar empatia e conexão com outras pessoas. Conforme Cris Bartis (2019b), este *estado de espírito* atua como uma espécie de valor-notícia, um filtro na hora de escolher os convidados do programa, além de

inspirar a maneira com que as apresentadoras buscam mediar a conversa — o que nem sempre é fácil.

Já tem tempo que eu tenho me incomodado com a minha falta de curiosidade, com já ter respostas para muitas coisas. Isso não é meu. Isso não faz sentido para mim. E do quanto isso é meu próprio, ou o contrário disso: o quanto é uma resposta normal e esperada e funcional pro ambiente que a gente tá vivendo. E *como é difícil você se manter autônomo*, como é difícil você escolher quando você está vivendo e partilhando esse momento histórico. (B9 COMPANY, 2020a).

Essa fala é da apresentadora Juliana Wallauer no final do episódio 267, *Como voltar a dialogar?*, lançado em 10 de setembro de 2020. Após quase seis anos de Mamilos, no final deste programa, as apresentadoras retomam o propósito do seu podcast, refletindo e reafirmando sua premissa de que é mais importante construir pontes do que provar pontos:

Queremos viver numa democracia forte, num espaço de convivência dinâmico, construído por todos e para todos, com liberdade, transparência e tolerância, fundamentado na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nessa democracia, as *tensões* na sociedade são não apenas legítimas e inevitáveis, mas produzem valor: *são oportunidades de aprendizado e de crescimento*. Entendemos o diálogo como a ferramenta essencial para que isso aconteça. Um diálogo que é ancorado no respeito pelas vivências, saberes e sentimentos dos outros, um ato de curiosidade genuína pela outra pessoa, pelo outro grupo, pelo outro campo. Fazendo jornalismo de peito aberto, trabalhamos para construir uma arena onde o debate público seja um espaço seguro para tentativas, pra aprender através do fazer e do conviver. *Nosso papel nessa arena é de convite, aprendizado e de mediação de conversas* respeitosas, inspiradoras, gentis, inteligentes e provocativas. Ocupamos essa arena propondo temas de interesse público, relevantes e urgentes. Semeamos esse terreno com afeto, acolhendo com escuta atenta, dando tempo para a conexão genuína com outro e consigo mesmo. Se a casa do milagre é o diálogo, *aprender a reconhecer e permitir que as nossas emoções floresçam é a chave*: elas nos permitem reconhecer a humanidade do outro. (B9 COMPANY, 2020a)

Essa fala de encerramento do episódio e toda a abordagem do Mamilos vai de encontro ao que Shinar (2008) diz ser um caminho para bons programas de *talk shows*. Segundo ele, este formato de mesa-redonda ganhou popularidade na exploração da controvérsia, apresentando o confronto como única opção. Essa postura, em vez de “informar os ouvintes sobre todas as opções, pode desestabilizar comunidades, aumentar o nível de decibéis do discurso público e suprimir os leitores de sua capacidade de discordar honestamente ou de resolver os problemas em conjunto” (SHINAR, 2008, p. 45). No entanto, também há outras possibilidades. Este formato também pode servir para abrir e estender debates e contextos. Pode ainda propor perguntas essenciais, abordando-as como foco central, estimular a reflexão e articular a opinião pública, dirigindo a conversa para aspectos de interesse comum. Ou seja, também há espaço para fazer Jornalismo para a Paz neste modelo.

### 3.3 O CRESCIMENTO DO NEGÓCIO PODCASTING E O INVESTIMENTO NO MAMILOS

Conforme Bufarah Junior (2020, p. 37), *podcast* pode ser definido como sendo “a disseminação de arquivos digitais de áudio através da web com periodicidade e utilizando tecnologias de indexação RSS (Rich Site Summary)”. Isto é, para disponibilizar um podcast em uma plataforma de *streaming*, como o Spotify ou o SoundCloud, primeiro o produtor precisa subir seu arquivo de áudio em um servidor na web. Com isso, ele consegue gerar um arquivo RSS que compila todas as informações do seu programa e, através dessa tecnologia, disponibilizar seu podcast nas plataformas de consumo. Na prática, o RSS conecta o site que *hospeda* o conteúdo, com os *agregadores* que o disponibilizam para o público.

O termo *podcasting* apareceu pela primeira vez em 2004 no jornal britânico *The Guardian*. O nome foi cunhado a partir da junção das palavras *iPod*, que era a tecnologia predominante de consumo de áudio, com *broadcasting* (transmissão). Nessa época, os agregadores ainda não existiam, então era preciso primeiro fazer download dos arquivos de áudio, para posterior reprodução. A partir da “popularização dos smartphones e de outros recursos de acesso à internet móvel, associada ao aumento de sua cobertura e velocidade, levaram a uma mudança da lógica do download para a do streaming” (VICENTE, 2018).

Segundo Bonini (2020), o podcasting evoluiu em duas direções: como prática amadora, empreendida por iniciativas independentes, e como prática comercial. Em 2012, quando alguns podcasts norte-americanos conseguem se tornar independentes financeiramente de suas emissoras de origem e passam a se sustentar através do financiamento coletivo, Bonini (2020) considera que teve início uma “segunda era” do podcast.

Sendo assim, o Mamilos surge nessa segunda era. Porém, como explica Juliana Wallauer em sua fala no TEDx São Paulo em outubro de 2019 (WALLAUER, 2019), o programa não foi pensado inicialmente para ser um negócio, um produto que desse dinheiro e que pudesse ser a fonte de renda de suas idealizadoras. Ele surgiu como um hobby. Sendo assim, durante os primeiros três anos de Mamilos, toda a energia das produtoras era investida em desenvolver um conteúdo de máxima

qualidade. Elas se preocupavam em criar o melhor roteiro, em propor a melhor pauta, em pensar com cuidado na curadoria dos convidados, na edição de som, etc.

Por um lado, essa postura era insustentável no longo prazo, já que, além do Mamilos, Juliana Wallauer e Cris Bartis ainda precisavam manter um emprego formal como forma de sustento. E, com dois trabalhos, não sobrava tempo para os outros aspectos tão importantes da vida.

Ele [o Mamilos] ocupava basicamente todas as nossas horas que a gente passava acordadas fora do trabalho. Isso quer dizer que ele roubava tempo dos nossos filhos, da nossa família, dos nossos amigos, do nosso lazer. Isso quer dizer que rapidamente eu percebi que dava para aguentar por um tempo, mas que isso não era sustentável no longo prazo. (WALLAUER, 2019)

Para que fosse possível continuar com o podcast mantendo a mesma qualidade e dedicação, as idealizadoras perceberam que era preciso transformar o hobby em um negócio, e fazer do Mamilos o seu trabalho. Para isso, elas contaram com o resultado decorrente de tamanha dedicação durante três anos: elas haviam conquistado um capital inicial imaterial constituído principalmente por credibilidade e por *autoridade*, em decorrência do reconhecimento e da admiração pelo que vinham realizando e construindo. Além disso, elas já haviam formado uma comunidade em torno do programa, a *Mamilândia*, formada por *mamileiros* e por *mamiletas* (como costumeiramente são citados os ouvintes durante o podcast). Uma audiência que não só consumia e admirava o Mamilos, mas que também participava de todo o processo de produção, através da sugestão de pautas e de convidados nas redes sociais e através dos retornos sobre os episódios, dos quais parte eram sempre lidos no episódio seguinte no quadro “Fala que eu te escuto”.

Desse modo, a partir dessa autoridade construída, as apresentadoras decidiram investir em quatro fontes de receita a partir de 2018. A primeira delas foi o financiamento coletivo. Hoje, o Mamilos conta com mais de 1,2 mil assinantes<sup>6</sup>, que contribuem com R\$ 9,00 mensais. Estes, além de ajudar a viabilizar o projeto, recebem toda a semana uma newsletter com uma curadoria das notícias e assuntos em voga durante o período. A segunda forma encontrada de trazer verba para manter o podcast foi trazer anunciantes para o Mamilos, e desde 2019 o Bradesco patrocina o programa. A terceira foi usar a expertise em produção de conteúdo para criar conteúdo para marcas, como a minissérie de quatro capítulos chamada “Nosso Sangue: Uma Jornada Sobre Menstruação”, desenvolvida em parceria com a Sempre

---

<sup>6</sup> Referente a 20/09/2020.

Livre; outro exemplo é o quadro “Pílulas de Afeto”, que narra histórias reais de revendedoras da Natura. Por fim, a quarta fonte de receita vem de palestras e da mediação em eventos e congressos.

Com isso, o Mamilos conseguiu montar uma sede própria, uma equipe de produção e, inclusive, conseguiu comprar uma parte da B9 — rede de podcasts a qual pertence. No entanto, em sua palestra no TEDx São Paulo, Juliana coloca um ponto de atenção: a diversificação de receita é fundamental para manter a *independência editorial* do programa. Isto é, apesar do trabalho junto às marcas ser pensado dentro do recorte do Mamilos, tendo as produtoras liberdade para construir o texto que será lido, o *apoio financeiro dos ouvintes* segue sendo fundamental tanto para que haja saúde financeira, quanto para que possa continuar sendo feito um jornalismo de peito aberto.

Conforme o *media kit* do Mamilos de 2020, disponibilizado pela produção do programa, o Mamilos tem uma média de 230 mil *plays* por episódio. E teve mais de 11 milhões de *plays* ao longo de 2019, somando todos os episódios. São mais de 3,5 milhões de ouvintes únicos, sendo que 80% deles têm o costume de escutar todos ou a maioria dos episódios, o que mostra uma fidelidade do público. E que público é esse? Ainda segundo o *media kit* de 2020, a audiência do programa é composta majoritariamente por mulheres (60%), com idade entre 23 e 34 anos. A maior parte é de São Paulo (48%), seguido de Rio de Janeiro (17%) e de Belo Horizonte (11%). Ou seja, os ouvintes estão nas capitais e nos centros grandes centros urbanos, principalmente do sudeste. O perfil dessa audiência é bastante escolarizado: 52% possuem Ensino Superior Completo. Além disso, são pessoas ávidas por informação com interesses em cultura, saúde, política, educação e comportamento.

Entre esses dados, destaca-se a forte expansão do podcast. O Mamilos cresceu, em 2019, 200% em relação ao ano anterior. Isso demonstra que aquilo que surgiu como um hobby, passou a ser um veículo influente: no Spotify, o Mamilos é hoje o segundo podcast mais escutado no país depois do NerdCast — sendo o Brasil o segundo maior mercado de podcasts do mundo, apenas atrás dos Estados Unidos, conforme o Spotify (RIBEIRO, 2019; ALVES, 2019).

Desse modo, o Mamilos é um exemplo desta “segunda era” do podcast, conceituada por Bonini (2020), quando o *podcasting*, 11 anos após sua invenção, passou de um meio de nicho, amador, para um meio comercial massivo. Isso se deu, entre outras razões, à melhora na qualidade das produções ofertadas, à

expansão do uso de smartphones e à crescente popularidade do financiamento coletivo (BONINI, 2020). Além disso, as plataformas de *streaming* sob demanda também passaram a enxergar e a apostar neste formato de consumo de áudio. Em junho de 2019, o Spotify mudou a sua interface, separando a biblioteca do aplicativo entre “Música” e “Podcast” para encurtar o caminho do usuário até os programas em áudio (KLEINA, 2019). E, desde o final de 2018, a plataforma vem incentivando financeiramente algumas produções, como o podcast Jogo de Damas e o Café da Manhã, podcast diário da Folha de São Paulo. (RIBEIRO, 2018)

## 4 ESTUDO DE CASO: O PODCAST MAMILOS A PARTIR DO JORNALISMO PARA A PAZ

A presente pesquisa se propõe a ser do tipo exploratória. Isto é, busca proporcionar uma maior familiaridade com a ideia e com a prática de um Jornalismo para a Paz. Desse modo, no primeiro capítulo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema, no segundo capítulo foi apresentado o objeto de análise, o podcast Mamilos, e, neste capítulo, será desenvolvido um estudo de caso desse programa. Esta etapa tem como objetivo visualizar os elementos do JP através de um exemplo, estimulando a compreensão sobre o tema.

### 4.1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um método de pesquisa qualitativo. Segundo Fonseca (2002, p. 33), ele

pode ser caracterizado de acordo como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Assim, a opção por essa metodologia se deu, principalmente, com base neste aspecto singular do objeto desta pesquisa. Segundo Montiel (2015), em termos institucionais, além da TRANSCEND Media Service (TMS)<sup>7</sup>, que funciona de forma semelhante a uma agência internacional de notícias, e do projeto *Reporting the World*, liderados respectivamente por Johan Galtung e por Jake Lynch, poucos meios de comunicação adotaram a abordagem do Jornalismo para a Paz como eixo central da sua linha editorial. Há projetos de alcance local, segundo ele, como o mexicano *Ciudadania Express*, porém o impacto dessas publicações é marginal, se comparado a outros sites e a outros veículos disponíveis nesses lugares.

Neste sentido, busca-se investigar se é possível considerar o Mamilos — um veículo que impacta mais de 200 mil pessoas por episódio — como um exemplo de podcast que desenvolve um Jornalismo para a Paz. Para isso, a pergunta que guia este capítulo é: como a abordagem teórico-prática do JP se manifesta neste podcast?

---

<sup>7</sup> [www.transcend.org/tms](http://www.transcend.org/tms).



A fim de determinar um limite de tempo para a análise e tornar a amostra mais concreta, nesta pesquisa será analisada a cobertura do Mamilos referente ao surgimento do novo coronavírus, o SARS-CoV-2, agente causador da doença infecciosa COVID-19. São 18 episódios<sup>8</sup> que, de maneira direta ou indireta, abordam os efeitos da pandemia do novo coronavírus na vida das pessoas. Esses programas serão fichados, considerando o título, a data de publicação e a descrição do episódio — que contém o enquadramento da conversa e as fontes escolhidas para construir a narrativa. Após o fichamento editorial, será desenvolvida uma leitura geral, a fim de visualizar, no conjunto dos 18 episódios, elementos do Jornalismo para a Paz. No momento seguinte, será feita uma análise mais detalhada sobre um desses programas.

Para a determinação dos elementos de análise, teve-se como base os itens de Shinar (2007) e as etapas para um Jornalismo para a Paz recomendadas pela TRANSCEND, que foram listados e apresentados no capítulo 2, quando se abordou as metodologias específicas do JP. Combinando-se essas referências, chegou-se a cinco novos itens de análise, sendo eles:

1. Explora os antecedentes e o contexto de formação do conflito;
2. Identifica os objetivos das partes envolvidas direta ou indiretamente e as possíveis contradições entre elas;
3. Encontra soluções criativas para transcender as contradições e cumprir todos os objetivos legítimos;
4. Foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura;
5. Dá destaque às histórias de paz e aos desdobramentos do pós-conflito em vez de focar o metaconflito.

#### 4.2 PANORÂMICA DA COBERTURA DO MAMILOS REFERENTE À COVID-19

Até o dia 11 de outubro de 2020, o Mamilos teve 39 episódios “regulares” publicados em seu feed nos agregadores de streaming ao longo do ano. Neste montante, não estão inclusos os programas das minisséries Era uma Vez (em parceria com a Natura sobre o ciclo da violência doméstica) e Nosso Sangue (em parceria com

---

<sup>8</sup> Até o dia 11 de outubro de 2020.

a Sempre Livre sobre a menstruação). Também não estão inclusos os episódios do Mamilos Cultura, a nova linha do podcast para falar exclusivamente de obras e dicas culturais. Isto é, abrange o *formato tradicional* do Mamilos, que vai ao ar semanalmente. Desses 39, 18 abordaram de maneira direta ou indireta a situação de pandemia. Isso significa que, em quase metade dos programas do ano, decidiu-se retratar as consequências desencadeadas pelo novo coronavírus.

Este “formato tradicional” é composto essencialmente por uma abertura, pela *Teta: Senta que lá vem polêmica*, quadro de maior duração, no qual é desenvolvido o assunto da semana, e pelo *Fala que eu te escuto*, momento final em que são lidos alguns comentários de ouvintes sobre o último episódio.

A seguir, será apresentada uma ficha que contém o título, a data em que foi lançado e a descrição publicada pelo Mamilos de cada um dos 18 episódios. A partir da descrição, é possível identificar escolhas editoriais importantes, como o assunto/conflito principal selecionado para a Teta, o enquadramento e as fontes procuradas. Essas decisões serão comentadas, na sequência, à luz dos cinco itens do Jornalismo para a Paz.

Além disso, os episódios foram classificados conforme sua editoria, a fim de gerar evidências para a análise posterior. Para essa classificação, levou-se em conta o tema do programa. E, no caso de assuntos mais “híbridos”, também foram consideradas a formação e a profissão dos convidados para se chegar na editoria preponderante.

Quadro 3 – Podcast Mamilos: episódios de 2020 que se relacionam com a COVID-19

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<p><b>#238</b> <b>Coronavírus</b></p> <p>Saúde</p>	14/02/2020	<p>Em 31 de dezembro, autoridades chinesas alertaram a OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre uma série de quadros de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan. Com o passar dos dias, as investigações foram apontando pra uma nova mutação de um vírus já conhecido pela ciência, o coronavírus.</p> <p>Aí já viu, né? Em janeiro de 2020, os jornais, as revistas e as redes sociais foram tomadas por um alerta: "um novo vírus foi descoberto na China!". E quanto mais casos vão sendo descobertos, mais mortes acontecem, mais a gente se preocupa. O que o Brasil faz é o suficiente?</p> <p>Pra entender esse cenário, trouxemos dois veteranos da casa: Atila Iamarino e Denize Ornelas!</p>
<p><b>#242</b> <b>Economia infectada</b></p> <p>Economia</p>	13/03/2020	<p>No dia da gravação deste episódio, já eram mais de 4 mil e 500 mortes e 124 mil casos confirmados de COVID-19, a doença causada pela nova forma do Coronavírus, ao redor do mundo. A Organização Mundial de Saúde decretou que atingimos o estágio de pandemia e cidades e países já entraram em quarentena.</p> <p>Embora essenciais essas medidas de quarentena trazem um amargo efeito colateral: um impacto grande na economia. Na segunda-feira, dia 9 de março, o Ibovespa, principal índice da Bolsa, fechou o dia em queda de 12 vírgula 17 por cento, a maior baixa percentual diária desde 10 de setembro de 1998.</p> <p>Parece complicado entender as relações entre a pandemia e a economia. Mas foi para descomplicar que trouxemos os economistas Pedro Menezes e Igor Rocha!</p> <p>Taca o play nesse Mamilos!</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<p><b>#243</b> <b>Sobrevivendo ao Coronavírus</b></p> <p>Saúde</p>	20/03/2020	<p>Como não poderia deixar de ser, essa semana o papo continua a ser Coronavírus. Vamos falar sobre a evolução do vírus, como o sistema de saúde tem recebido os pacientes, os efeitos do isolamento no nosso psicológico, dicas de como cuidar da saúde mental e coisas que você pode fazer para se distrair.</p> <p>Respeitando as recomendações do Ministério da Saúde, o formato do nosso querido Mamilos vai mudar um pouquinho. Teremos que abrir mão daquele olho no olho, tão importante para assuntos delicados. Mas entendemos que é uma ação necessária. Por isso, a partir de hoje, o Mamilos vai experimentar vários formatos. Hoje, teremos algumas áudio reportagens, com entrevistas separadas e os comentários da Ju Wallauer e Cris Bartis.</p> <p>E os primeiros participantes do Mamilos estilo quarentena são Atila Iamarino, Denize Ornelas, Claudia Feitosa-Santana, da Casa do Saber, Cássio Borges, Pedro Strazza e o infectologista Eder Gatti. Contamos também com um trecho da entrevista do canal Me explica? com a pesquisadora Rafaela Ribeiro. E pra dar aquele abraço quentinho no seu coração, convidamos também o Pr. Henrique Vieira, Padre Julio Lancellotti e da Cléo Agbeni Martins, Ialorixá do Ilê Axé Asiwaju, de Santana de Parnaíba e Agbeni Xangô do Opô Afonjá de Salvador.</p> <p>Vem com a gente? Então, passa álcool em gel na mão e taca o play!</p>
<p><b>#244</b> <b>Humor na quarentena</b></p> <p>Cultura</p>	27/03/2020	<p>Como arrumar forças para rir durante uma quarentena? Ao mesmo tempo, será que não é justamente esse escape que nos permite dar conta dos momentos mais difíceis da vida? Será que o riso, junto a arte e a beleza, não são a nossa afirmação rebelde de humanidade mesmo em tempos desumanos?</p> <p>Atendendo pedidos dos ouvintes, hoje Ju Wallauer e Cris Bartis vão embarcar numa jornada leve, dirigindo o olhar e atenção não para a dor, mas para um dos mecanismos de defesa que nos dá força para que a vida sempre vença: o riso, o humor.</p> <p>E para ajudar na missão (e garantir muitas risadas), convidamos os comediantes Júlia Rabello e Paulo Viera.</p> <p>Vamos rir juntos? Então, taca o play!</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<b>#245</b> <b>Como</b> <b>proteger vidas</b> <b>e salvar a</b> <b>economia?</b>  Economia	03/04/2020	<p>Partindo dos consensos de que o isolamento social é a resposta que temos para frear essa pandemia e de que é essencial que os governos tomem medidas eficientes e rápidas para mitigar o efeito econômico da quarentena, há muito espaço para discutir e propor ideias.</p> <p>São muitas possibilidades e estratégias diferentes. Todas visando um bem comum: construir um presente que nos permita ter um futuro sustentável.</p> <p>Para ajudar a enxergar esse cenário, chamamos a PHD em economia Monica De Bolle e o Doutor em economia Samuel Pessôa.</p> <p>Vamos construir essas pontes juntos? Então, taca o play!</p>
<b>#246</b> <b>Ansiedade</b>  Saúde	10/04/2020	<p>Se você está se sentindo ansioso por conta do isolamento, das incertezas da vida e tudo mais, saiba que você não está sozinho. Por isso, nosso convite essa semana é para um mergulho no autoconhecimento, para acolher e dar espaço e voz para os nossos sentimentos. Para ampliar nossa capacidade de nos ler e ler o mundo. Cada um à sua maneira, cada um com seu contexto, cada um com seus recursos, mas compartilhamos a travessia.</p> <p>Nessa jornada, contamos com a participação da psicóloga e youtuber Cecília Dassi e o psicólogo Pedro Milanesi.</p> <p>Vem com a gente? Então, taca o play!</p>
<b>#247</b> <b>Crianças e</b> <b>quarentena</b>  Saúde	17/04/2020	<p>Semana passada falamos sobre como o acúmulo de funções, o isolamento social, a insegurança sobre o futuro econômico e a ameaça de uma doença ainda sem cura afetam a nossa saúde mental.</p> <p>Mas e como ficam as crianças? Qual é o impacto nelas de tudo isso que estamos vivendo? De mudar a rotina, de perder o contato diário com as pessoas que cuidavam delas, e com quem tinham vínculos?</p> <p>Ao mesmo tempo que este é um momento desafiador, também pode ser uma oportunidade de nos reconectar e criar memórias incríveis.</p> <p>É nessa jornada que o Mamilos embarca hoje. Vamos refletir sobre o impacto da quarentena na vida das crianças e como podemos amenizar os riscos e aproveitar as oportunidades.</p> <p>A Publicitária e criadora do Criando Crianças Pretas, Débora Bastos e o Pediatra Daniel Becker nos ajudam nessa aventura.</p> <p>Vem com a gente? Então, taca o play!</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<p><b>#248</b> <b>Vida na linha de frente de frente do Covid</b></p> <p>Saúde</p>	24/04/2020	<p>Desde o início do ano, o mundo está lutando para entender e combater o novo coronavírus.</p> <p>Ninguém é capaz de dizer com exatidão como se transmite e como o corpo reage quando infectado. Para alguns, pode parecer um resfriado comum . Para outros, é uma infecção mortal.</p> <p>No meio dessa pandemia um grupo de alto risco se destaca: os profissionais de saúde.</p> <p>Em tempos em que um lado a sociedade se levanta pelo fortalecimento do SUS e das condições de trabalho dos profissionais de saúde, do outro acontecem manifestações pelo fim do isolamento social, inclusive na frente de hospitais. Como continuar atendendo pessoas no meio desse caos?</p> <p>É para dar rosto a essas pessoas que hoje o Mamilos conta histórias de profissionais de saúde na linha de frente contra o COVID.</p> <p>Venha se emocionar e refletir sobre a importância de cada um desses profissionais.</p> <p>Prepara o café, puxa a cadeira e taca o play!</p>
<p><b>#250</b> <b>Travessias - filosofia para sustentar a dor</b></p> <p>Comportamento</p>	08/05/2020	<p>Nesse delicado equilíbrio de propor um mergulho por semana para expandir a nossa visão, o Mamilos já falou sobre os impactos do coronavírus sob diversas perspectivas, desde a economia até o humor e a ansiedade.</p> <p>Mas hoje vamos promover uma viagem filosófica. Vamos para dentro.</p> <p>A quarentena nos privou daquilo que nos definia como indivíduos para a sociedade. Diante dessa nova realidade, precisamos aprender uma maneira de lidar com o tempo, vivendo intensamente os instantes e contemplando profundamente o eterno para, assim, explorar por completo a dor natural que não só acompanha, mas dá forma aos processos de transformação.</p> <p>Pra nos ajudar nessa jornada introspectiva, convidamos o pastor Henrique Vieira e a psicanalista Maria Homem.</p> <p>Vamos juntos nessa missão de mente e peito aberto! Taca o play!</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<p><b>#251</b> <b>Enem 2020?</b></p> <p>Educação</p>	15/05/2020	<p>Esse ano, em função do Coronavírus as aulas presenciais foram interrompidas em todo o país. A duração da pausa e as estratégias para repor as aulas variam de estado para estado, mas todos os alunos foram impactados. Ainda assim, o MEC anunciou na semana passada que vai manter o calendário do ENEM.</p> <p>Essa decisão tem causado polêmica. De um lado, a preocupação de milhões de estudantes que, entre as angústias do vírus e as confusões do ensino à distância, não sabem nem como vão - ou se vão - concluir o ano letivo.</p> <p>De outro, a dúvida: se cancelarmos a prova, como fica um ENEM 2021 com o dobro de inscritos, e o mesmo número de vagas?</p> <p>Pra dar conta de uma treta tão grande, reunimos uma mesa de peso.</p> <p>Contamos com a participação de Alexandre Lopes, presidente do Inep, Silvia Maria da Silva, professora e pedagoga, e Olavo Nogueira Filho, diretor de políticas educacionais do Todos Pela Educação.</p> <p>Vamos juntos? Taca o play!</p>
<p><b>#252</b> <b>Meio ambiente: proteger x crescer</b></p> <p>Meio ambiente</p>	22/05/2020	<p>De repente, fomos forçados a parar. Viagens? Melhor não. Aulas? Só se for ensino à distância. Muitas empresas em trabalho remoto.</p> <p>Pensa em uma reunião de um comitê de clima internacional estipulando a seguinte meta para grandes cidades do mundo como Nova York, Pequim e São Paulo: reduzir a poluição do ar em 50% em um mês. Impossível, a gente diria. Mas foi o que aconteceu quando o COVID-19 nos colocou em quarentena.</p> <p>Nesses mais de três meses, algo ao nosso redor anda acontecendo que não é tão ruim assim. Com menos atividade humana, automóveis nas ruas, aviões nos céus e uma certa paralisação geral, o meio-ambiente encontrou um novo caminho para se desenvolver.</p> <p>Dá pra pensar em um futuro pós-isolamento em que podemos nos recuperar economicamente sem voltar a fazer estragos ambientais? Como balancear esses dois tópicos que parecem sempre estar um contra o outro? Pra debater esse tema, unimos a bióloga Nurit Bensusan e o economista especialista em economia dos recursos naturais Juliano Assunção.</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<b>#255</b> <b>Trabalhadoras domésticas</b>  Economia	12/06/2020	<p>Trabalhadoras domésticas: quem são essas mulheres que enfrentam a pior pandemia do século atravessando a cidade com o filho a tiracolo, arriscando suas vidas e as de seus familiares para prestar serviço dentro das casas de seus patrões?</p> <p>Difícilmente você que está nos escutando não tem uma vivência pessoal com o tema. Ou do lado do empregador, ou do lado da trabalhadora.</p> <p>Hoje a nossa missão junto com a advogada Silvia Souza e Veronica Oliveira do Faxina Boa e a contribuição das especialistas Lorena Féres da Silva Telles e Ynaê Lopes dos Santos é discutir a relação. É olhar para essa realidade com incômodo e assombro, questionando o que temos, como chegamos até aqui e que futuros precisamos construir.</p>
<b>#256</b> <b>Sonhar a realidade</b>  Comportamento	19/06/2020	<p>Sonhos: Há muito séculos, presentes nos processos de decisão e objeto de fascínio pelo seu poder criativo e premonitório. Nos últimos 500 anos, com o fim da Idade Média e início do capitalismo mercantil, deixa de ser aceitável fazer uma decisão comercial, militar ou política com base em sonhos. Deixamos de acreditar que eram uma ferramenta útil para ler o mundo e a nós mesmos. A ciência entendeu o fenômeno como apenas um reflexo fisiológico. E culturalmente o sonho foi gradualmente sendo abandonado, relegado a lugar nenhum.</p> <p>Mas nesse programa, Ju Wallauer e Cris Bartis estão ao lado do neurocientista Sidarta Ribeiro e da psicóloga e especialista junguiana Laura Villares e te fazem um convite: Pensar no que perdemos com essa visão estreita de um fenômeno que já foi tão influente em diversos momentos da trajetória humana. O que os nossos sonhos falam sobre a gente? Será que podem nos ajudar com os nossos desafios? Será que podem nos ajudar a imaginar futuros melhores?</p> <p>Vem com a gente rumo ao inconsciente!</p>
<b>#259</b> <b>Saudade</b>  Comportamento	10/07/2020	<p>"Oi, eu sou a saudade. Tem gente que acha que sou gêmea da tristeza, alguns até pensam que somos univitelinas. Mas posso lhe assegurar que somos apenas vizinhas, amigas, feitas do mesmo sabor agridoce, mas há muito o que me difere dela. Eu quis entrar justamente porque vi em você um tanto de mim. Você me permite entrar? Eu sou uma espiral do tempo. Eu sou uma tecelagem que alinhava o passado ao presente, e se sou esta linha, sou a verdadeira máquina do tempo. Através de mim, você viaja a outras vidas que já viveu nesta vida."</p> <p>É pra falar da saudade, esse sentimento que mora em todos nós, que o Mamilos trouxe o autor do texto acima, nosso querido psicólogo de bolso e amigo Alexandre Coimbra Amaral!</p>



Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<b>#260</b> <b>EUA x China:</b> <b>Liderança em</b> <b>Disputa</b>  Política	17/07/2020	<p>A tensão entre os Estados Unidos e China transborda com disputas comerciais, tentativas de acordos e ganha contornos midiáticos durante a pandemia, com o governo Trump chamando o COVID-19 de "vírus chinês" e desviando a atenção da mídia jogando holofote em uma teoria da conspiração de que o vírus seria uma criação nascida nos laboratórios chineses para desestabilizar a economia global.</p> <p>O que todas essas notícias significam? O que o Brasil tem a ver com isso? Que diferença faz termos como líder global os Estados Unidos ou a China? Pra entender tudo isso, convocamos dois especialistas em relações internacionais: Oliver Stuenkel e Fernanda Magnotta!</p> <p>Vem com a gente!</p>
<b>#263</b> <b>Volta às</b> <b>Aulas?</b>  Educação	07/08/2020	<p>No dia 23 de agosto próximo a esmagadora maioria das escolas do Brasil vão completar 150 dias de paralisação. Em todos os 26 estados e no Distrito federal são quase 5 meses de escolas fechadas nas redes pública e privada. A medida para conter a disseminação do Coronavírus impactou os quase 48 milhões de estudantes brasileiros, das quais quase 39 milhões estão na rede pública. Além dos alunos, a suspensão das aulas impactam 2,5 milhões de professores, além de todos os outros profissionais envolvidos no sistema de ensino.</p> <p>Com a reabertura da economia o debate sobre a volta às aulas tem ganhado cada vez mais tração e cada estado está estabelecendo medidas sobre como e quando voltar.</p> <p>O que fazemos agora? Devemos voltar às aulas presenciais? É seguro para as crianças? É seguro para as famílias? É seguro para os profissionais que trabalham no sistema de ensino e suas famílias? É o que discutimos com o presidente do SINEPE-DF, professor e Mestre em Administração Escolar Álvaro Domingues e a diretora aposentada da Rede Municipal de Educação de São Paulo e Mestre em Educação Jana Reolo. Também com as participações via áudio da cientista Cecília Benazzato, psiquiatra Sônia Palma e o pediatra Daniel Becker!</p> <p>Abre o coração, a mente e vem com a gente!</p>

Episódio/ Editoria	Data de publicação	Descrição do programa
<b>#264</b> <b>Luto</b>  <b>Comportamento</b>	14/08/2020	<p>Em 8 de agosto, o Brasil ultrapassou a marca de 100.000 mortos pelo novo Coronavírus. Em média, mais de 1.000 vidas chegam ao fim, vítima de um vírus que corre o país de forma completamente descontrolada. Para tirar a tragédia da dimensão da estatística, já são mais vítimas por Covid em 2020 do que acidentes de trânsito, homicídios e diabetes nos roubam em um ano. Especialistas afirmam que não há registros de um episódio que seja responsável por tantas mortes em tão pouco tempo, no nosso país. E, como se não bastassem a dor, o medo e a insegurança de uma transmissão tão veloz e silenciosa, o risco de ser contaminado com o vírus tem negado às famílias e amigos um direito fundamental - o de se despedir de seus entes queridos.</p> <p>Não temos como não tocar nessa ferida tão aberta em todos nós, de uma forma ou de outra. Neste programa, vamos falar sobre morte e dor. Mas também sobre vida, afetos e relações. Vamos dar espaço para o nosso medo e confusão e tentar entender mais sobre essa travessia dolorosa, mas significativa. Para isso, contamos com os psicólogos Valéria Tinoco, sócia-diretora do 4 Estações Instituto de Psicologia, e Lucio Ferracini, especialista em psicodrama. Juntos e juntas, vamos passar por essa travessia.</p>
<b>#270</b> <b>Por que</b> <b>estamos</b> <b>deprimidos?</b>  <b>Saúde</b>	01/10/2020	<p>Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão é a doença mais incapacitante do mundo e a segunda principal causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade. Mesmo assim, conforme a OMS, menos da metade dos diagnosticados está em tratamento.</p> <p>E se a depressão é um mal dos nossos tempos, em tempos de pandemia, o problema se agravou. Diante de tanto sofrimento, promovemos uma conversa de peito aberto com a psiquiatra Patrícia Ehlke e a psicóloga professora doutora Jeane Tavares, sobre os motivos estruturais do nosso adoecimento.</p> <p>Vamos juntos para mais um Mamilos!</p>

Fonte: baseado em B9 COMPANY, 2020b.

Relembrando o que disseram McGoldrick e Lynch (2005, p. 5), Jornalismo para a Paz é quando repórteres e editores fazem escolhas sobre o que noticiar e sobre como noticiar que “geram oportunidades para que a sociedade em geral considere e valorize respostas não violentas a conflitos”. Mas que conflitos são esses? A partir do fichamento, é possível observar que o coronavírus não é o conflito em si retratado em grande parte dos episódios, e sim o detonador de uma série de outros conflitos que foram enquadrados nos diversos episódios. Estes se manifestam em diferentes esferas da sociedade (saúde, educação, economia, cultura, política), em diferentes

níveis (intrapessoais, interpessoais e sistêmicos), podendo ainda ter consequências visíveis (diretas) e invisíveis (na saúde mental das pessoas, na estrutura e na cultura).

Sendo assim, em relação ao primeiro item de análise, “explora os antecedentes e o contexto de formação do conflito”, observa-se que o primeiro programa relacionado ao tema do novo coronavírus cumpre esse papel de contextualizar o que é isso que vem provocando tantas mudanças e por que todas essas atitudes são necessárias.

O episódio 238, *Coronavírus*, foi ao ar antes mesmo do Carnaval, quando o vírus ainda parecia uma ameaça distante, um desafio restrito à China. Porém, naquele momento, a OMS já o classificava como uma Emergência Internacional de Saúde Pública e já era esperado que, de maneira muito rápida, a situação passasse de surto à pandemia. Para apresentar o tamanho do desafio que, àquela altura, já se apresentava, o Mamilo convidou a médica de família e comunidade Denize Ornelas e o divulgador científico Atila Iamarino. A descrição do episódio sugere como foco da conversa uma dimensão intrapessoal, o medo da doença e da morte, mas também uma dimensão sistêmica através do questionamento expresso no final do segundo parágrafo: “o que o Brasil faz é suficiente?”. Ao escutar o programa, percebe-se de forma nítida a divisão da pauta entre essas duas esferas: individual e coletiva. Na primeira fala-se sobre sintomas e sobre o que revelam as primeiras pesquisas sobre a doença, na segunda, sobre que estratégias são necessárias para que, enquanto nação, o Brasil estivesse preparado para conter o avanço dos casos.

O segundo item, “identifica os objetivos das partes envolvidas direta ou indiretamente e as possíveis contradições entre elas”, também é mais nítido de ser observado em episódios singulares, como o 260, *EUA x China: Liderança em disputa*, que convida os especialistas a detalhar o que realmente está em jogo neste conflito de narrativas; no 252, *Meio ambiente: proteger x crescer*, que traz à mesa a bióloga Nurit Bensusan e o economista Juliano Assunção. E também no 251, *Enem 2020?*, que conta com o presidente do Inep, uma professora e pedagoga e o diretor de políticas educacionais do Todos Pela Educação. Nestes, não só pelo caráter da pauta, mas pela composição da mesa de convidados, são traçadas as intenções e as contradições entre alguns dos principais atores envolvidos no conflito.

Mas, para além do específico, na leitura panorâmica, é possível perceber como esse item se manifesta no conjunto dos episódios. Considerando os programas classificados como sendo de *saúde*, por exemplo, alguns têm como foco os efeitos da quarentena na saúde mental dos indivíduos, como o 246, *Ansiedade*, e o 247,

*Crianças e quarentena*. Esses episódios “isolados” poderiam corroborar com argumentações em prol do fim das medidas de distanciamento social. No entanto, na sequência, o 248, *Vida na linha de frente do Covid*, traz a perspectiva de uma outra parte envolvida no conflito: os profissionais de saúde. E, outra vez, fala-se sobre a importância de continuar a quarentena. Essa contradição entre o desejo de sair de casa e, por outro lado, a importância das medidas restritivas não só para evitar o contágio, mas para cooperar com quem está na linha de frente, é expressa na locução de apresentação do programa 248:

Em tempos que um lado da sociedade se levanta pelo fortalecimento do SUS e das condições de trabalho dos profissionais de saúde, do outro acontecem manifestações pelo fim do isolamento social, inclusive, na frente de hospitais. Como continuar atendendo no meio desse caos? É para dar rosto a essas pessoas que hoje o Mamilos conta a história de profissionais de saúde na linha de frente contra o Covid. (B9 COMPANY, 2020c).

Outro exercício possível, seria imaginar as grandes áreas da sociedade — a saúde, a economia, a educação, a ambiental, etc. — como sendo as partes de um conflito. O coronavírus desencadeou crises em mais de uma delas e essas crises todas se sobrepõem. O episódio 245, *Como proteger vidas e salvar a economia?*, carrega essa contradição em seu título. Assim, considerando essas áreas como sendo os “envolvidos em uma incompatibilidade de objetivos” (que é a definição de conflito), também pode-se dizer que o Mamilos procurou identificá-las, expondo e refletindo sobre algumas das suas preocupações.

Essa compreensão só é possível quando se olha para o todo e se percebe que depois de um programa intitulado *Volta às Aulas?* (que enfoca uma crise na educação), vem outro chamado *Luto* (que aborda uma crise de saúde e também cultural, com a impossibilidade de se comparecer a velórios). Essa sequencialidade vai adicionando camadas na representação da realidade, construindo um cenário de maior complexidade.

Por outro lado, quanto à pluralidade de vozes, o fichamento dos programas revela que grande parte dos conflitos são retratados pela perspectiva de *especialistas*, tendo então um grande viés institucional. Ou seja, verifica-se um padrão normativo bastante comum aos programas jornalísticos de outros veículos que cobriram a pandemia. Das 43 fontes mencionadas na descrição dos episódios, 38 — o que corresponde a 88% — são profissionais, pesquisadores, ou ainda criadores de projetos relacionados ao tema; três são pessoas conectadas à espiritualidade; e apenas duas, o médico Cássio Borges, que relata sua experiência trabalhando no

SUS no episódio *Sobrevivendo ao coronavírus* e a faxineira Veronica Oliveira, que fala sobre sua vivência no episódio *Trabalhadoras domésticas*, se enquadram no perfil de *protagonistas*.

Uma hipótese para isso é a imposição deliberada de um limite de convidados pelo tempo e pelo formato do programa e, nesse caso, a preferência da produção por trazer pessoas que possam contextualizar as raízes do conflito. Ainda assim, apesar dos nomes não serem mencionados na descrição do episódio, o programa *Vida na linha de frente do Covid* é todo construído a partir de relatos de profissionais da saúde narrando suas experiências e dilemas no combate à doença. E no episódio *Saudade* também são lidos relatos de ouvintes falando sobre suas experiências com a emoção em pauta.

Além disso, é interessante observar como, em alguns episódios, as próprias apresentadoras se colocam no papel de protagonistas, expondo suas vivências pessoais para a análise dos convidados. Um bom exemplo ocorre no 246, *Ansiedade*. No segundo bloco, Juliana Wallauer inicia a conversa com o psicólogo Pedro Milanesi, contando sobre um determinado período de sua vida em que ela própria se sentia esgotada, ansiosa, achando que seus esforços nunca eram suficientes e acabou procurando ajuda por conta disso. Ainda que não aconteçam com frequência, esses momentos trazem à tona a proposta de um *jornalismo de peito aberto* e rompem, de certa maneira, o estigma da imparcialidade.

Ainda no que diz respeito à pluralidade, pelo perfil dos especialistas, não se pode dizer que o fator diversidade não é levado em conta pelo Mamilos. Com exceção do episódio 242, *Economia Infectada*, que traz dois economistas homens à mesa, os demais contam com a presença de uma especialista mulher e de um especialista homem. Seria bastante improvável isso ser uma mera “casualidade”.

Outra evidência de que há o desejo de se trazer outros vieses para construir as narrativas sobre os assuntos abordados — ainda que, como dito, a maior parte das fontes primárias selecionadas sejam especialistas —, é o Mamilos ter colocado, dentro do podcast, uma coluna dedicada aos integrantes do Perifa Connection. Durante um ano (a parceria se encerrou em agosto de 2020), em cada episódio, um dos integrantes dessa *rede*, que busca criar novas narrativas sobre a periferia brasileira, trazia uma reflexão sua relacionada ao tema em pauta da semana. Como colocou Juliana Wallauer no episódio *As Conquistas da Lei Maria da Penha*, essa coluna “é

uma forma de a gente ampliar a nossa curadoria, ampliar os nossos horizontes, ampliar as nossas vozes e trazer outros olhares” (B9 COMPANY, 2020c).

O terceiro item de análise, “encontra soluções criativas para transcender as contradições e cumprir todos os objetivos legítimos” encontra um paralelo com a premissa do Mamilos de construir pontes. No entanto, acaba sendo difícil de precisar se isso ocorre de fato, ainda mais a partir de uma leitura geral. Além disso, apesar da intenção de traçar pontos de conexão entre partes supostamente antagônicas, esse objetivo depende, em grande parte, dos convidados. E, ainda que se busque especialistas que se posicionem a favor do diálogo, não se pode garantir que, quando confrontados com outra perspectiva, eles se mostrem verdadeiramente abertos.

O episódio 252, *Meio ambiente: proteger x crescer*, é interessante sob esse aspecto. Ele traz a bióloga Nurit Bensusan e o economista especialista em economia dos recursos naturais Juliano Assunção. Ao escutar o programa, percebe-se que há um respeito mútuo entre os convidados. No entanto, quando as apresentadoras questionam sobre quais são os caminhos que eles enxergam como necessários para construir o futuro ideal, é possível perceber que as contradições entre seus pontos de vista (um mais voltado para a economia, outro mais voltado ao meio ambiente) impedem que eles desenhem uma estratégia em comum.

Em relação ao quarto item, “foca nos efeitos invisíveis da violência: traumas, danos à estrutura e à cultura”, é possível dizer que há essa preocupação quando se observam os temas das pautas ao longo do ano. Episódios como o 246, *Ansiedade*, o 250, *Travessias - filosofia para sustentar a dor*, o 259, *Saudade* e o 270, *Por que estamos deprimidos?* são exemplos disso. São todos efeitos “invisíveis”, não tangíveis, decorrentes da situação de pandemia. Neste último, sobre depressão, o enfoque estrutural é mencionado já na descrição do episódio. Ao longo do programa, a convidada Patrícia Ehlke expõe sobre como a cultura incide de forma diferente no adoecimento de homens e de mulheres e a outra especialista, Jeane Guerra, fala sobre como a saúde mental da população negra é afetada pelo racismo estrutural.

Por fim, o quinto item, “dá destaque às histórias de paz e aos desdobramentos do pós-conflito em vez de focar o metaconflito” é, provavelmente, o mais constante ao longo de todos os programas. Geralmente, a pauta é construída de modo a, no final, propor uma reflexão sobre quais são os caminhos e os futuros possíveis, abrindo espaço para a esperança. Essa preocupação está expressa na descrição do programa 255, *Trabalhadoras Domésticas*:

Hoje a nossa missão junto com a advogada Silvia Souza e Veronica Oliveira do Faxina Boa e a contribuição das especialistas Lorena Féres da Silva Telles e Ynaê Lopes dos Santos é discutir a relação. É olhar para essa realidade com incômodo e assombro, questionando o que temos, como chegamos até aqui e que futuros precisamos construir. (B9 COMPANY, 2020e)

E também consta na descrição do episódio 256, “Sonhar a realidade”:

Nesse programa, Ju Wallauer e Cris Bartis estão ao lado do neurocientista Sidarta Ribeiro e da psicóloga e especialista junguiana Laura Villares e te fazem um convite: Pensar no que perdemos com essa visão estreita de um fenômeno que já foi tão influente em diversos momentos da trajetória humana. O que os nossos sonhos falam sobre a gente? Será que podem nos ajudar com os nossos desafios? Será que podem nos ajudar a imaginar futuros melhores? (B9 COMPANY, 2020f)

Além disso, no episódio 259, *Saudade*, além da presença do psicólogo Alexandre Coimbra Amaral, há a leitura de relatos de pessoas contando sobre experiências suas de intensa saudade. Um desses relatos é o de uma filha narrando sua história com o pai já falecido: ele era um pai alcólatra, mas conseguiu se curar e se tornar um pai muito presente. A partir dessa história, fala-se sobre a morte, mas não sobre esse fato em si, e sim sobre como a saudade tem o papel de fazer com que o passado seja revisitado e recontado no tempo presente. E esse constante retorno ao que já passou também constrói o que se é e faz com que, por exemplo, pessoas que já faleceram continuem presentes (fazendo a diferença) na vida de seus entes queridos.

São poucos os episódios da cobertura sobre o novo coronavírus que trazem o testemunho de um protagonista humano. Porém, esse exemplo do programa sobre saudade dialoga de forma muito direta com a ideia apresentada por McGoldrick e Lynch (2014) de que os discursos de paz são trazidos à tona na imaginação da audiência por meio de uma conexão humana, envolvendo uma esfera pública emocional. Esses autores colocam que o engajamento emocional (a empatia) com um personagem é capaz de provocar um sentimento de esperança, que por sua vez mobiliza a ação social não violenta.

#### 4.3 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DO EPISÓDIO #243 SOBREVIVENDO AO CORONAVÍRUS

Nesta etapa será feito um percurso detalhado pelo episódio 243, *Sobrevivendo ao coronavírus*, o terceiro da cobertura sobre o vírus. Busca-se averiguar, na sua singularidade, os elementos do Jornalismo para a Paz elencados nesta pesquisa.

Além disso, será observado o encadeamento da conversa, das perguntas, a dinâmica de construção da pauta ao longo das entrevistas.

A escolha por esse episódio se deu principalmente pelo seu contexto de produção. Ele foi ao ar no dia 20 de março de 2020, na semana em que foi confirmada a primeira morte por coronavírus no Brasil, em que muitos governos estaduais suspenderam as aulas na rede pública e privada (G1, 2020) e em que muitas empresas adotaram o regime de *home office* — inclusive o Mamilos. Foi nessa semana que a ameaça da COVID-19 passou a ser mais tangível, mais próxima e que muitas pessoas vivenciaram uma mudança brusca de rotina. É nesse cenário turbulento, de muitas incertezas, que é produzido esse episódio em um formato diferente do usual. Em vez da mesa-redonda, aqui é feita uma audiorreportagem organizada em três blocos.

A fim de facilitar a análise, primeiro será apresentada uma tabela com as informações essenciais desse programa: o título, a duração total, a duração da Teta — que é o foco desta reflexão —, quem são as fontes e como elas se descrevem no podcast, e a transcrição da introdução (o início do programa). Na sequência, serão aprofundados os três blocos da narrativa.



### 4.3.1 Apresentação do programa

Quadro 4 – Episódio #243, *Sobrevivendo ao Coronavírus*

Informações gerais	
Data de publicação	20/03/2020
Duração total	117 minutos
Duração da "Teta"	100 minutos
Fontes (como elas se descrevem)	<p><b>Átila Iamarino</b> Sou doutor em microbiologia. Trabalhei bastante estudando em como os vírus se espalham.</p> <p><b>Denize Ornellas</b> Médica de família e comunidade, mestre em saúde da família e também sou diretora de comunicação da sociedade brasileira de médicos de família e comunidade.</p> <p><b>Cássio Borges</b> Trabalho no Rio de Janeiro tem 15 anos. Eu sempre trabalhei no SUS, fazendo atendimento.</p> <p><b>Cláudia Feitosa-Santana</b> Eu sou uma rebelde, hoje sou uma pesquisadora independente, sou uma apaixonada por caminhadas e por pedaladas. Além disso, sou neurocientista. Na verdade, arquiteta, engenheira e neurocientista. E mestre em psicologia experimental.</p> <p><b>Pastor Henrique Vieira</b></p> <p><b>Padre Júlio Lancelotti</b></p> <p><b>Cléo Agbeni Martins</b></p> <p>(estes três últimos são apresentados em OFF)</p>
Introdução do programa (2'37" - 7'00")	<p>[Ju]: E vamos pra Teta? [Cris]: Bora.</p> <p>[Ju]: Um dia a gente acorda e o mundo como conhecemos tá de pernas pro ar. Tudo tá mudando numa velocidade que a gente não consegue acompanhar. Isso gera medo, negação insegurança, descrença e mudança - muita mudança. Pra onde? A gente ainda não sabe também.</p> <p>[Cris]: Mas de uma única coisa não temos dúvida, estaremos juntos nessa trajetória com empatia, respeito, tolerância e pitadas de bom humor pra perguntar, pra entender, pra se informar, pra chorarmos juntos, pra comemorarmos os avanços e rirmos das pequenas alegrias da vida, em tempos de isolamento social.</p> <p>[Ju]: O Mamilos também não tem como continuar igual. A gente tá inaugurando</p>

hoje um novo formato pra viabilizar a continuidade do programa. Todos os funcionários do B9 já estão em quarentena há uma semana e a nossa hora também chegou. A gente teve que abrir mão do olho no olho tão importante nas nossas conversas autênticas, complexas, empáticas, a gente teve que flexibilizar o nosso formato, a qualidade do áudio, a dinâmica dos debates. Outra coisa que a gente vai passar a fazer é dizer a data e o local da gravação pra que as pessoas não tenham dúvida do tempo em que a informação está sendo divulgada nesse momento em que tudo muda tão rápido.

*[Cris]:* Nas próximas semanas, o Mamilo terá diferentes formatos. Nesta semana, será uma audiorreportagem. Conversamos sobre os temas da semana com diferentes pessoas via entrevistas e, agora, nós vamos costurar toda essa conversa. Vem com a gente conhecer novos formatos de peito aberto?

*[Ju]:* Hoje é 19 de março de 2020 em São Paulo. Como não poderia deixar de ser, essa semana o papo continua a ser o coronavírus. Vamos entender melhor sobre qual é o cenário hoje. Entender o que a gente já tem em progressão da pandemia, como que tá no Brasil e vamos falar de futuro: qual é o prognóstico; quais são as estratégias que a gente tem pra combater; o que a gente tá fazendo. Tudo isso são estratégias coletivas. A gente encerra com o último bloco falando de estratégias individuais: o que você pode fazer nestes tempos de crise pra se proteger, proteger a sua família.

*[Cris]:* Mas, antes, com tanta atualização o tempo todo, sentimos que é importante explicar o que, realmente, é o coronavírus. Mas não vai ser nem eu, nem a Ju. Vamos ouvir a Rafaela Ribeiro, que é doutora em biologia celular e pesquisadora. Ela deu uma entrevista pro Diogo Rodrigues, do canal Me Explica, diretamente da Itália, um dos países mais afetados pela pandemia. Lá, ela desenvolve um trabalho de pesquisa com uma equipe de virologistas. Rafa, por favor, explica pra gente o que é o coronavírus.

*[Sonora de Rafaela Ribeiro]:* O coronavírus é uma família de vírus. Dessa família de vírus, ele não é o primeiro vírus da família coronavírus que circula entre os humanos. Em 2002/2003 já teve em circulação um coronavírus chamado SARS. O SARS ele foi muito bem contido. Ele circulou um pouco aqui na Europa. Mas o SARS ele tinha uma característica um pouco diferente. Ele tinha sintomas muito graves, então ele não tinha sintomas brandos, só uma tosse, só uma febre, e a pessoa já era imediatamente internada com uma pneumonia e insuficiência respiratória aguda. Outro coronavírus que também tem ainda em circulação entre nós humanos é o MERS, que circula só na região do Oriente Médio. Mas ele ainda existe e ele tem uma taxa de mortalidade bastante alta, infelizmente. Os coronavírus, na natureza, os vírus têm reservatórios. Então, um dos principais reservatórios dos “corona” são os morcegos. Então, a gente ainda não sabe como que esse novo coronavírus saltou evolutivamente do morcego para a espécie humana. Então, os vírus precisam ter alguma mutação, ou um ganho de função que dê pra eles a capacidade de passar do animal, pro humano. Se não, eles ficam infectando entre os morcegos ali... enfim, é um outro assunto.

*[Ju]:* Já deu pra entender que esse vírus não veio do nada e que houve algumas evoluções desde que ele foi descoberto.

Fonte: baseado em B9 COMPANY, 2020g.

Neste texto de introdução, é possível perceber qual foi o ponto de partida da conversa. Isto é, o gancho da pauta. A conversa parte dessa mudança abrupta de rotina, de que, de um dia para o outro, planos, eventos, projetos tiveram que ser suspensos por tempo indeterminado e, com isso, também veio o medo do contágio, a negação, a ansiedade aguçada pelo volume de notícias, etc.

Nesta apresentação, chama a atenção a segunda locução de Cris Bartis. Depois de Juliana Wallauer assumir que o momento é de incertezas, a fala de Cris traz um tom carinhoso e evidencia o desejo de se colocar ao lado do ouvinte:

Mas de uma única coisa não temos dúvida, estaremos juntos nessa trajetória com empatia, respeito, tolerância e pitadas de bom humor pra perguntar, pra entender, pra se informar, pra chorarmos juntos, pra comemorarmos os avanços e rirmos das pequenas alegrias da vida, em tempos de isolamento social. (B9 COMPANY, 2020g)

É como se as apresentadoras dissessem para a pessoa que está escutando, que, mesmo em casa e sem muitas respostas, ela não estará sozinha. O programa se apresenta como rede de apoio, como uma companhia na travessia que está por vir.

Na sequência, Juliana explica o novo contexto de produção do Mamilos e como o podcast também precisou se adaptar em razão da pandemia. Neste trecho, ela evidencia que a conversa presencial entre os participantes era algo valioso para a política editorial do programa. E que, com o *home office*, surge o receio de que a troca entre os convidados ficasse prejudicada sendo mediada apenas por telas: “A gente teve que abrir mão do olho no olho tão importante nas nossas conversas autênticas, complexas, empáticas, a gente teve que flexibilizar o nosso formato, a qualidade do áudio, a dinâmica dos debates.” (B9 COMPANY, 2020g)

Depois, elas explicam como está organizado o programa, deixando claro o que o título já sugere: o foco da conversa (o enquadramento) serão as estratégias de ação — coletivas e individuais — para enfrentar a pandemia. Neste sentido, ele se difere do primeiro episódio da cobertura, *Coronavírus*, publicado no dia 14 de fevereiro, que tinha como papel predominante a contextualização. Ainda assim, a introdução traz a sonora de uma especialista explicando que vírus é esse e de onde ele vem, o que evidencia a preocupação de também ali (talvez não *explorar*, mas, pelo menos,) apresentar brevemente “os antecedentes e o contexto de formação do conflito”.

#### 4.3.2 Primeiro bloco

O primeiro bloco se propõe a organizar as informações disponíveis até aquele momento sobre o panorama da Covid-19 no mundo e no Brasil. “E, pra isso, a gente traz de volta o nosso *querido Átila Iamarino*”, chama na locução Juliana. (B9 COMPANY, 2020g). Átila se apresenta como doutor em microbiologia e como pesquisador de vírus. E a apresentadora Juliana Wallauer faz um “parêntesis”, agradecendo seu trabalho:

O Átila é a voz que nos traz paz no meio dessa loucura toda. É o nosso farol que a gente vira pra buscar informação. Muito obrigada por isso. O teu trabalho tem sido de utilidade pública. Tem sido um *puta* serviço pra todo mundo. Tem orientado uma série de ações. E eu acho que tem nos mantido mais tranquilos por nos explicar exatamente o que tá acontecendo, por que tá acontecendo e quais são os próximos passos. Acho que isso traz bastante tranquilidade. (B9 COMPANY, 2020g)

Nesta fala, Juliana expressa como é importante que as informações sejam coesas, com direcionamentos claros para a população. Pois, em momentos de incerteza, isso ajuda as pessoas a se manterem mais tranquilas, tendo ciência do que é preciso ser feito. Do ponto de vista construtivista, pode-se interpretar que, quando cada instituição diz uma coisa (governo, comunidade científica, imprensa, etc.), esses desencontros contribuem para a construção de um cenário de desordem, de insegurança, de medo. Porém, quando as informações são organizadas e chegam com direcionamentos claros, isso também ajuda as pessoas a construírem uma percepção da realidade mais “controlada”, mais estável.

Na entrevista que segue, Átila Iamarino explica quais são as tendências do comportamento da doença que podem ser analisados através dos números. Ele fala sobre qual é o cenário na Europa, na China, nos Estados Unidos, e, por fim, no Brasil.

Então, Cris Bartis introduz a próxima entrevistada:

Aqui, a gente vai interromper um pouquinho o papo com Átila pra trazer pra conversa a perspectiva dos profissionais de saúde que estão na linha de frente no enfrentamento da epidemia. Primeiro, a nossa *musa* Denize Ornelas, que é diretora de comunicação da sociedade brasileira de medicina de família e comunidade, vai nos ajudar a compreender melhor a doença causada pelo Covid-19, que tem muita gente ainda que teima em chamar de uma simples gripe. (B9 COMPANY, 2020g)

Percebe-se como as fontes são tratadas de maneira informal. Átila, o querido; Denize, a musa. E, ainda há uma “cutucada” no presidente da república, ao apresentá-lo implicitamente como *teimoso*, pela sua declaração de que a COVID-19 era apenas uma “gripezinha” (VANNUCHI, 2020).

Denize Ornelas, então, lembra quais são os sintomas da doença, fala sobre os meios de disseminação da doença e como a velocidade do contágio pegou o serviço de saúde desprevenido. Comenta sobre as formas de contágio reveladas pelos

estudos recentes, sobre a importância da prevenção e sobre como o saneamento precário, em muitas comunidades, dificulta essa etapa. Ela também aborda o período de incubação do vírus no organismo humano, adverte que ainda não há um tratamento específico e que, portanto, é preciso continuar monitorando seu comportamento e características.

Por fim, a última entrevista do primeiro bloco é com o médico intensivista Cássio Borges, que atende no SUS do Rio de Janeiro, para buscar entender qual é a realidade de quem está no dia a dia, tratando os pacientes infectados pela Covid-19. Cássio se diz positivamente surpreso com o trabalho que está sendo feito. Ele comenta que a cidade se organizou rápido para oferecer treinamento à equipe e que é preciso ter tranquilidade durante o expediente e muito cuidado na hora de colocar e de retirar o equipamento de proteção.

Desse modo, neste bloco o Mamilos opta por identificar e por dar visibilidade a duas partes envolvidas na problemática: os pesquisadores, com seu papel de fornecer dados e de buscar as respostas que o momento exige; e os profissionais da saúde no tratamento diário dos doentes.

### 4.3.3 Segundo bloco

Para fazer a transição de um bloco para o outro, sobre uma trilha instrumental. Ela dura um tempo relativamente longo, são 13 segundos, criando um momento de “assimilação” do que foi dito. E, então, Cris Bartis introduz o que está por vir.

Bora então entrar no segundo bloco dessa conversa. Agora que a gente entendeu melhor o cenário, que tá todo mundo na mesma página sobre a magnitude do desafio que a gente tá enfrentando, vamo falar um pouquinho de futuro. Vamos falar da *estratégia* pra combater a pandemia sobre o que estamos fazendo e o que podemos fazer. Bora voltar com o papo aqui com o Átila. (B9 COMPANY, 2020g)

Assim, o ouvinte escuta novamente áudios de Átila e de Denize, agora falando sobre quais são as estratégias coletivas para combater a pandemia. Átila fala sobre como diversos países estão reagindo ao coronavírus, seja isolando os doentes, ou aplicando um alto volume de testagens e de como é urgente a necessidade de respostas rápidas, já que o contágio é exponencial. Ele ainda fala que a produção de uma vacina é um processo lento e que, se não há testes suficientes para testar todo mundo, é preciso isolar as pessoas em casa para evitar as contaminações e não sobrecarregar o sistema de saúde.

Denize reflete sobre quais foram as medidas tomadas em relação às fronteiras brasileiras quando o vírus chegou no país e sobre a necessidade de isolamento na fase de transmissão comunitária. Ela pondera sobre a realidade de quem está no mercado de trabalho informal e não consegue parar e ficar em casa. Denize também destaca o fato de o Brasil possuir numericamente um número satisfatório de leitões, porém a distribuição deles por região ser desigual, havendo “desertos de leitões”. E finaliza enfatizando que é preciso usar a capacidade crítica e de diálogo para evoluir nas respostas à crise a partir de uma perspectiva sistêmica.

Antes de encerrar o bloco, Cris chama uma sonora de Jaqueline Costa, que faz parte da equipe de produção do Mamilos. Pode-se traçar um paralelo entre a proposta desta sonora com o item cinco de análise, “dá destaque às histórias de paz e aos desdobramentos do pós-conflito em vez de focar o metaconflito”, como expõe Cris Bartis na locução:

A gente encerra esse bloco com um áudio da Jaqueline Costa que comanda as pautas do Mamilos há quatro anos. Ela vem para trazer as boas notícias que temos no horizonte em relação aos desenvolvimentos científicos de respostas em relação a essa crise global. (B9 COMPANY, 2020g)

Jaqueline então se apresenta e fala sobre os esforços da comunidade científica. Primeiro, ela comenta sobre quais são as perspectivas no que diz respeito ao *tratamento*, trazendo experiências na Índia, no Japão, na China, na Austrália e na Itália como exemplos. No caso da experiência italiana, é bastante simbólico o exemplo, pois transmite que está havendo espaço também para a cooperação e para a solidariedade: havia um déficit de válvulas para os aparelhos de respiração artificial; então uma empresa de impressão 3D descobriu como baratear esse custo e aumentar a produção para dar conta da demanda — inclusive compartilhando com outras empresas o modelo de impressão. Depois, ela aborda algumas iniciativas ao redor do mundo que, naquele momento, buscavam desenvolver uma vacina para o novo coronavírus e quais eram suas perspectivas. Ela finaliza sua participação comentando o quão importante é que cada um entenda a sua responsabilidade individual de seguir as recomendações de higiene e de isolamento, já que a ciência precisa de tempo para trazer as respostas à crise.

#### **4.3.4 Terceiro bloco**

Outra vez, para marcar a transição entre os blocos, sobe a trilha. E, então, Juliana Wallauer introduz qual é o assunto a seguir:

Tá bom, a gente já entendeu a gravidade do que tá acontecendo e que medidas a gente tem que tomar pra, juntos, enfrentarmos esse desafio. Tá na hora então, de *nos fortalecermos*, de cuidar da gente e é isso que vamos fazer nesse bloco final. Por isso, começamos com uma conversa provocadora com a neurocientista e mestre em psicologia experimental, Cláudia Feitosa. Vamos começar, se apresenta, fala quem é você na fila do pão. (B9 COMPANY, 2020g)

Cláudia se apresenta como uma rebelde, apaixonada por pedaladas e, além disso, arquiteta, engenheira e neurocientista. E, então, Juliana introduz um conflito intrapessoal e interpessoal que emerge com a necessidade de distanciamento social. Havia pessoas negando os riscos do vírus. Estas continuavam saindo de casa. Porém, as que estavam em isolamento, em vez de buscar entender o porquê disso, reagiam com ódio e xingamentos. Assim, a apresentadora começa a entrevista com a neurocientista questionando como atua esse mecanismo de negação.

Então, vamos começar por uma pergunta que não quer calar: eu ouvi falar bastante durante essa semana sobre a nossa dificuldade de conseguir compreender ameaças que tão lá longe, no futuro e que tem um alto grau de incerteza, que, como a gente não consegue entender muito bem isso, a gente acaba deixando pra lá. É difícil de ter essa presença de que é um risco, do tamanho do risco e tal. Explica pra gente um pouco sobre que mecanismos são esses e do que que a gente tá falando. (B9 COMPANY, 2020g)

Cláudia fala sobre como é difícil se enxergar dentro de situações que estão muito longe no espaço e no tempo, o que ajuda a explicar por que tanto quando ocorre um tsunami do outro lado do mundo ou, então, porque planejar a aposentadoria não é uma prática comum. Ela explica que o cérebro humano não sabe lidar com a dúvida e com um alto grau de incerteza e que isso leva a uma *negação coletiva*. E de que isso não é um comportamento de pessoas “burras”, e sim algo que faz parte do ser humano. A partir disso, Juliana Wallauer pergunta:

Se a gente entende que existe um mecanismo que [...] funciona pra várias outras coisas, mas que o ônus dele é que ele nos deixa desprotegidos para esse tipo de ameaça. Entendendo que é assim, e que as pessoas vão negar, como é que a gente pode fugir desse gatilho. Como é que a gente pode usar um outro caminho pra que as pessoas entendam o que tá acontecendo. Adianta brigar? Adianta xingar? Adianta gritar? Adianta chamar de burro? (B9 COMPANY, 2020g)

E Cláudia responde:

Bom, eu vou um pouco mais longe. Não só não adianta, quanto essas pessoas que estão fazendo isso porque estão conscientes e querem alertar aqueles que estão em negação, elas, na verdade, estão fazendo um desserviço. Porque, ao fazer isso, você não está só fazendo com que a pessoa que nega se afaste de você, mas como você está fazendo pior: *ela vai negar por mais tempo*. Porque ela vai *recuar*. Ela vai se sentir agredida, ela vai se sentir criticada e ela vai demorar mais tempo para sair da negação. (B9 COMPANY, 2020g)

Isto é, Cláudia traz um exemplo prático, com respaldo da neurociência, de como a *violência direta*, além de ofender e de machucar, é ineficiente enquanto estratégia de transformação social. Ela ainda complementa, falando que os estudos da neurociência mostram que as pessoas aprendem muito mais com uma perspectiva positiva, do que com uma perspectiva negativa. E que, para sensibilizar, é preciso vir com argumentos que mostrem que “fazendo x, será possível y” e não que “não fazendo nada, muita gente vai morrer”. Além disso ela fala sobre como os estudos que investigam os processos de tomada de decisão revelam que as pessoas aprendem não do geral para o específico, mas do específico para o geral. Isto é, aprende-se muito mais através de histórias do que com dados. Desse modo, ela diz que pode ser interessante mostrar para alguém que está em negação um vídeo de algum influenciador digital ou de uma pessoa famosa que ela admira, falando sobre a importância de ficar em casa.

Nesta entrevista, é interessante como a neurocientista Cláudia Santana explica que a negação faz parte do ser humano, sendo um mecanismo do cérebro. Ao fazer isso, rompe-se o estigma de que os “bons” ficam em casa e de que os “ignorantes” saem. E essa compreensão abre espaço para que se *transcendam as contradições*, favorecendo um diálogo respeitoso e, possivelmente, mais produtivo entre as pessoas. Este é um bom exemplo de como um veículo pode trazer perspectivas que promovam a *paz cultural*, em vez de legitimar a violência como padrão de comportamento.

Por fim, Juliana Wallauer direciona a conversa com a pesquisadora para os *efeitos invisíveis* do isolamento na saúde mental.

Cláudia, entendendo que a gente tá isolado, confinados em espaços pequenos e enfrentando uma ameaça real e sem precedentes pra nossa geração, como é que a gente lida com a ansiedade, que é natural, que vai vir desses momentos. Como é que a gente escapa da roda vida, do caminho natural do cérebro de ficar buscando informação o tempo inteiro, ficar no WhatsApp com mil notícias, notificações a cada minuto com mais tragédia, com mais notícias preocupantes e ficando, cada vez mais, enclausurado, mais ansioso, mais sem ação. Como é que a gente sai desse ciclo? (B9 COMPANY, 2020g)

A partir desse questionamento, Cláudia fala sobre como cada um pode travar uma batalha interna consigo, reprogramando seu cérebro e construindo, dia após dia, uma rotina mais saudável para lidar com a pandemia. Para isso, ela dá algumas dicas práticas, como limitar o tempo de consumo de notícias.

Na sequência, partindo da afirmação de que “crises são oportunidades para a reflexão, para a transformação e para o crescimento” (B9 COMPANY, 2020g)— o que



vai de encontro ao que Montiel e Galtung (2019) escrevem sobre os conflitos —, o Mamilos traz as sonoras de três pessoas conectadas à espiritualidade, são elas: o pastor Henrique Vieira, o padre Júlio Lancelotti, que atua diretamente com a população em situação de rua, e Cléo Agbeni Martins, que é lalorixá (mãe de santo) de Candomblé.

Assim, o programa entra em sua reta final. Entra uma sonora do infectologista Éder Gati, falando sobre quais são os cuidados necessários para não trazer o vírus para dentro de casa. E, por fim, uma sonora de Pedro Strazza, que é um dos coordenadores da comunicação digital do Mamilos. Ele faz um panorama de quais são algumas das plataformas de streaming e instituições que liberaram conteúdo gratuito na internet, em decorrência da urgência do distanciamento social.

Depois de mais de uma hora de programa, Cris puxa o encerramento, trazendo uma reflexão lá do início: de como é importante que as informações sejam apuradas e organizadas.

Bom, nesse primeiro formato a gente trouxe muita gente, muita informação e o resultado que a gente queria colocar pra vocês não é só o nosso esforço, mas é também o nosso poder de apurar a informação e trazer pra vocês o que a gente realmente acha que é produtivo, né Ju? (B9 COMPANY, 2020g)

É um programa com mais fontes do que o usual, que marca essa transição para o *home office* do Mamilos. E, como visto, a construção da pauta é cuidadosamente pensada de modo a, primeiro, trazer contexto e depois apontar ferramentas para lidar com os novos desafios, tanto individuais, quanto coletivos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as Grandes Guerras do século XX, a noção de paz ganha relevância e se torna objeto de estudo das Ciências Sociais. Seu principal expoente é o pesquisador Johan Galtung. Ele introduz, no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, uma noção estrutural da violência (GREWAL, 2003). Nesta, ele afirma que, por trás de situações de guerra e da violência direta (homicídios, roubos, sequestros, abusos sexuais, psicológicos e demais violências nas quais é possível identificar um agressor), há uma estrutura que naturaliza tais comportamentos, a violência estrutural. Posteriormente, ele complementa essa visão, adicionando a noção de violência cultural, como aquela que legitima e que torna aceitáveis e, inclusive, imperceptíveis, as demais. (GALTUNG, 2016)

Com isso, ele demonstra que a paz, como a simples *ausência de guerras*, é uma noção incompleta, pois dá conta de apenas um domínio da realidade. Sendo assim, são necessárias iniciativas nos três eixos (direto, estrutural e cultural), a fim de se transformar um sistema que opera sob uma lógica violenta em um sistema que opera em uma lógica de paz e de *justiça social*, no qual não haja a violação de direitos. (GALTUNG, 2016).

É a partir desse entendimento que surge o Jornalismo para a Paz. Dentro do prisma construtivista, essa abordagem enxerga o jornalismo como um ator na esfera simbólica, um produtor de sentidos. Estes, podem atuar de modo a reforçar a violência cultural, interiorizando e naturalizando, por exemplo, a discriminação racial ou de gênero, a pobreza, a gordofobia, etc., ou de modo a promover a paz cultural. Como? Trazendo o foco da conversa para a estrutura, criando oportunidade de conexão com personagens reais e estimulando respostas não violentas a conflitos.

No entanto, se o campo dos Estudos para a Paz é recente, o Jornalismo para a Paz é uma área ainda mais incipiente. Como disse Montiel (2015), o JP carrega ainda hoje um *status* marginal tanto na academia, quanto no âmbito mediático. Essa *marginalização* gera certa estranheza: como uma prática com um propósito, à princípio, tão nobre tem tão pouca força? A presente pesquisa, de caráter exploratório, possibilita o levantamento de algumas hipóteses.

A primeira delas está relacionada ao questionamento de Shinar (2007). O autor se pergunta se uma reforma estrutural no campo dos *media* é um pré-requisito para que o Jornalismo para a Paz seja bem-sucedido. Afinal, como dar visibilidade aos

objetivos de todas as partes, entendendo suas contradições e buscando transcendê-las, estando inserido em uma estrutura violenta, com jornadas exaustivas de trabalho, mal remuneradas e tendo uma linha editorial que prioriza manchetes polêmicas e tiradas de contexto na ânsia por mais cliques, por exemplo?

No caso do podcast Mamilos, a liberdade financeira conquistada a partir do modelo de assinaturas permitiu que o programa mantivesse certa autonomia editorial. Porém, pode-se dizer que o tempo para a produção de cada episódio é uma limitação estrutural. Em uma semana, é preciso elencar o tema, apurar as informações, construir a pauta, acertar com os convidados, gravar, editar e subir nos agregadores o programa. Isso pode influenciar no nível de aprofundamento das conversas e na escolha das fontes, por exemplo. Pessoas próximas e mais acessíveis podem ser priorizadas em detrimento de entrevistados capazes de trazer perspectivas mais diversas. Além disso, o formato de mesa-redonda também traz a limitação do número de convidados.

Outra hipótese para que esta corrente teórico-prática seja ainda pouco difundida é o foco da sua metodologia nas “partes” de um conflito. Como visto no capítulo de análise, em conflitos intrapessoais, ou em pautas que não possuem atores claros, como ansiedade, saudade e luto, as orientações de um Jornalismo para a Paz são escassas. Isso se explica pelo fato de que, inicialmente, a pesquisa acadêmica teve como foco a produção de critérios para a análise de conflitos armados. Como afirmam McGoldrick e Lynch (2014), esses critérios só começam a ser traduzidos e adaptados para avaliar outros tipos de problemáticas a partir dos anos 2000.

Ainda assim, o Jornalismo para a Paz é uma abordagem emergente, em consonância com outras iniciativas, como o jornalismo de soluções, as narrativas restaurativas e o jornalismo construtivo, que se propõe a refletir sobre os efeitos da prática jornalística e a propor caminhos mais responsáveis para esse exercício. Estes podem servir como inspiração para diversos formatos. E, quanto mais volumosas, abrangentes e consistentes forem essas iniciativas, maior será a força desses discursos na construção social da realidade.

Em relação ao objeto desta pesquisa, o podcast Mamilos, pode-se dizer que ele apresenta algumas limitações em relação ao Jornalismo para a Paz, como a forte dependência de especialistas como fonte primária. Como observado nos estudos de McGoldrick e Lynch (2014), os discursos de paz eram trazidos à tona na imaginação

dos espectadores, principalmente, por meio de uma conexão humana, envolvendo uma *esfera pública emocional*.

No entanto, sua proposta oferece bons *insights*: primeiro, sobre como criar narrativas que apresentem o contexto das problemáticas (no Mamilos, todas elas são exploradas em mais de uma hora de programa); depois, sobre como encaminhar a pauta de modo a focar os caminhos e soluções possíveis para a resolução e o desdobramento dos conflitos. Desse modo, evita-se o metaconflito, aquele no qual as raízes da controvérsia são esquecidas. Narrativas que exploram o metaconflito e a polarização como estratégia para trazer mais audiência, negligenciam os efeitos da intervenção jornalística, sejam eles cognitivos (leitura dualista da realidade), sejam eles emocionais (exaustão e apatia decorrentes da ausência de perspectivas). Há ainda os efeitos na cultura: o jornalismo enquanto agente da esfera simbólica, pode contribuir para legitimar e naturalizar a violência como padrão cultural, ou, então, contribuir para que o conflito em si — e não os envolvidos — seja visto como o problema. Por fim, os mais de 3,5 milhões de ouvintes únicos<sup>9</sup> do Mamilos são um indício de que há demanda por produtos que priorizem esse tipo de abordagem.

Para a minha formação enquanto profissional, acredito que a realização dessa pesquisa tenha contribuído para tornar minha base crítica muito mais sólida. Conhecer o Jornalismo para a Paz é entender que, durante o fazer jornalístico, as escolhas têm impactos. Sinto-me mais segura para tomar melhores decisões em prol da construção de uma cultura pautada no respeito e na não violência.

---

<sup>9</sup> Dado informado no *media kit* de 2020 do Mamilos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cíntia Gonçalves. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAbuquerque.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2020.

ALVES, Soraia. **Segundo Spotify, Brasil é o segundo maior mercado de podcasts do mundo**. São Paulo: B9 Company, 1 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/116720/segundo-spotify-brasil-e-o-segundo-maior-mercado-de-podcasts-do-mundo/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #198 - Jornalismo nos Tempos de Cólera**. São Paulo: 2019. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-198-jornalismo-em-tempos-de-colera/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #267 - Como voltar a dialogar?** São Paulo, 2020a. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-267-como-voltar-a-dialogar/>>. Acesso em 5 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos**. São Paulo, 2020b. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #248 - Vida na linha de frente do Covid**. São Paulo, 2020c. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-248-vida-na-linha-de-frente-do-covid/>>. Acesso em 5 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #241 - As conquistas da Lei Maria da Penha**. São Paulo, 2020d. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-241-as-conquistas-da-lei-maria-da-penha/>>. Acesso em 5 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #255 - Trabalhadoras Domésticas**. São Paulo, 2020e. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-255-trabalhadoras-domesticas/>>. Acesso em 5 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #256 - Sonhar a Realidade**. São Paulo, 2020f. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-256-sonhar-a-realidade/>>. Acesso em 18 out. 2020.

B9 COMPANY. **Mamilos #243 - Sobrevivendo ao coronavírus**. São Paulo, 2020g. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-243-sobrevivendo-ao-coronavirus/>>. Acesso em 5 out. 2020.

BARTIS, Cris. 2019a. **14º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, ABRAJI**. Palestra apresentada em 27 jun. 2019, realizada em São Paulo, SP.

BARTIS, Cris. 2019b. **O que significa fazer jornalismo de peito aberto**. 1 vídeo (14min 35s). Publicado por TEDx Talks, 12 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3jYc3klmYCg>>. Acesso em: 20 set. 2020.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista Brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em <<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão. **Radiofonias - revista de estudos em mídia sonora**, Mariana, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020.

CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. **Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país**. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, UERJ, 2016. Disponível em <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 15 set. 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Más condições de trabalho agravam saúde mental de jornalistas dentro das redações, revela estudo**. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/mas-condicoes-de-trabalho-agravam-saude-mental-de-jornalistas-dentro-das-redacoes-revela-estudo/>>. Acesso em 9 set. 2020.

FERNANDES, Laís Cerqueira. Jornalismo de Peito Aberto: o Podcast Mamilos e a Empatia na Era da Convergência. *In*: INTERCOM, 40º Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Universidade Positivo, 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UFCE, 2002.

G1. **Coronavírus: veja a cronologia da doença no Brasil**. São Paulo: Globo.com, 6 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 18 out. 2020.

GALTUNG, Johan. La violencia: cultural, estructural y directa. **Cuadernos de Estrategia**, La Paz, n. 183, p. 147-168, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5832797>>. Acesso em: 17 set. 2020.

GALTUNG, Johan. Peace Studies: Inspiration, Objectives, Achievement. **Transcend Media Service**, 2. dez. 2019. Disponível em: <<https://www.transcend.org/tms/2019/12/peace-studies-inspiration-objectives-achievement/>>. Acesso em: 13 set. 2020.

GALTUNG, Johan; MONTIEL, Fernando. **Manual de mediación (Método Transcend)**: Hacer paz – Mediación, Diálogo y Creatividad. Monterrey: Transcend México, 2019.

GOOGLE. **Google Trends**. Brasil, 2020. Disponível em: <[trends.google.com](https://trends.google.com)>. Acesso em: 5 set. 2020.

GREWAL, Baljit Singh. **Johan Galtung: Positive and Negative Peace**. Auckland, 2003. Disponível em: <[http://www.activeforpeace.org/no/fred/Positive\\_Negative\\_Peace.pdf](http://www.activeforpeace.org/no/fred/Positive_Negative_Peace.pdf)>. Acesso em: 17 set. 2020.

HALL, S., *et al.* *A produção social das notícias: o mugging nos media*. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teoria e estórias. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-248.

IBGE. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece**. Agência de notícias IBGE, Rio de Janeiro, 13 nov. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em: 15 set. 2020.

KLEINA, Nilton. **Spotify separa Músicas de Podcasts e faz mudanças no visual para assinantes**. São Paulo: Tecmundo, 13 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/software/142517-spotify-separa-musicas-podcasts-mudancas-visual-assinantes.htm>>. Acesso em: 26 set. 2020.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora, 2001, p. 13-34.

LYNCH, Jake. Peace journalism: Theoretical and methodological developments. **Global Media and Communication**, Londres, v. 11, n. 3, p. 193-199, 2015. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1742766515606297>>. Acesso em: 16 set. 2020.

MCGOLDRICK, Annabel; LYNCH, Jake. Audience Responses to Peace Journalism. **Journalism Studies**, Londres, v. 17, n. 5, p. 628-646, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/ref/10.1080/1461670X.2014.992621>>. Acesso em: 9 set. 2020.

MCGOLDRICK, Annabel; LYNCH, Jake. **Peace Journalism: What is it? How to do it?** Londres: Reporting the World, 2000. Disponível em: <[https://www.transcend.org/tri/downloads/McGoldrick\\_Lynch\\_Peace-Journalism.pdf](https://www.transcend.org/tri/downloads/McGoldrick_Lynch_Peace-Journalism.pdf)>. Acesso em: 8 set. 2020.

MCINTYRE, Karen; DAHMEN, Nicole Smith; ABDENOUR, Jesse. The contextualist function: US newspaper journalists value social responsibility. **Journalism**, v. 19, n. 12, p. 1657-1675, 2016. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884916683553>>. Acesso em: 2 out. 2020.

MONTIEL, Fernando. La periferialidad de la paz: el caso del periodismo de paz. In: MONTIEL, Fernando; GARCÍA-G., Dora Elvira. **Manual de construcción de paz: uma aproximação interdisciplinaria**. México: ITESM-TUP, 2015. Capítulo 2, p. 57-82.

MORIN, Edgar. **La Vía**: Para el futuro de la humanidad. Barcelona: Paidós, 2011.

MUÑOZ, Francisco A. **La Paz Imperfecta**. Granada, 2001. Disponível em: <<https://www.ugr.es/~fmunoz/documentos/pimunozespa%C3%B1ol.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.

RIBEIRO, Felipe. **Spotify faz ranking dos mais ouvidos do ano e da década; veja lista**. São Paulo: Canaltech, 3 dez. 2019. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/apps/spotify-faz-ranking-dos-mais-ouvidos-do-ano-e-da-decada-veja-lista-156923/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

RIBEIRO, Igor. **Spotify lança podcasts originais no Brasil**. São Paulo: Meio e Mensagem, 12 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2018/11/12/spotify-lanca-podcasts-originais-no-brasil.html>>. Acesso em: 26 set. 2020.

ROSENBERG, Marshall. **Nonviolent communication**: a language of compassion. Encinitas: PuddleDancer Press, 1999.

SHINAR, Dov. Epilogue: Peace Journalism – The State of the Art. **Conflict & Communication Online**, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2007. Disponível em: <[http://www.cco.regener-online.de/2007\\_1/pdf/shinar\\_2007.pdf](http://www.cco.regener-online.de/2007_1/pdf/shinar_2007.pdf)>. Acesso em: 13 out. 2020.

SHINAR, Dov. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. **Líbero**, ano XI, n. 21, p. 39-48, jun/2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/M%C3%ADdia-democr%C3%A1tica-e-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SILVA, M. P. Como os acontecimentos se tornam notícia: Uma revisão do conceito de noticiabilidade a partir das contribuições discursivas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 1., p. 173-184, jan/jun 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p173>> Acesso em: 2 de maio de 2020.

SLAUGHTER, Autumn *et al.* Covering Trauma: Impact on Journalists. **DART Center for Journalism & Trauma**, 1 jul. 2015. Disponível em: <<https://dartcenter.org/content/covering-trauma-impact-on-journalists#.VVnuX1VViko>>. Acesso em: 13 set. 2020.



TRANSCEND MEDIA SERVICE. **Principles and guidelines for TMS Writers**. Los Angeles, 2020. Disponível em: <<https://www.transcend.org/tms/about-peace-journalism/3-principles-and-guidelines-for-tms-writers/>>. Acesso em 20 ago. 2020.

TRAQUINA, N. *Os valores-notícia segundo Traquina*. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002. p. 186-208.

TUCHMAN, Gaye (1972). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e história**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

VANNUCHI, Camilo. **A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da "gripezinha" ao "e daí?"**. São Paulo: UOL, 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm>>. Acesso em: 18 out. 2020.

VERA, Fernando Harto. La construcción del concepto de paz. **Cuadernos de Estrategia**, La Paz, n. 183, p. 119-146, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5832796>>. Acesso em: 24 set. 2020.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene (Orgs.). **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Cap. 6, p. 88-107.

VIZEU, A. O Jornalismo e as "teorias intermediárias": cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso (AD). In: INTERCOM, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/18152405243277328293805250673257682310.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2020.

WALLAUER, Juliana. 2019. **Como transformar sua paixão em negócio e ganhar dinheiro**. 1 vídeo (17min 29s). Publicado por TEDx Talks. 31 out. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emj4uDvLdqs>>. Acesso em: 20 set. 2020.

WIBERG, Håkan. Investigação para a Paz: Passado, presente e futuro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 71, p. 21-42, 2005. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/1013>>. Acesso em: 16 out. 2020.